



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

O CINEMA PORNOGRÁFICO DE ERIKA LUST

THAYANNE PORTO DAIBERT GUIMARÃES

RIO DE JANEIRO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

O CINEMA PORNOGRÁFICO DE ERIKA LUST

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para a obtenção do diploma em
Comunicação Social/Jornalismo.

THAYANNE PORTO DAIBERT GUIMARÃES

Orientadora: Profa. Cristiane Henriques Costa

RIO DE JANEIRO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **O cinema pornográfico de Erika Lust**, elaborada por Thyanne Porto Daibert Guimarães

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof.^a. Dra. Cristiane Henriques Costa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof.^a. Dra. Lígia Campos de Cerqueira Lana
Prof.^a. Dra. Cristina Rego Monteiro da Luz
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof.^a. Dra. Suzy dos Santos
Doutora em Comunicação pela Faculdade de Comunicação - UFBA
Departamento de Comunicação – UFBA

RIO DE JANEIRO

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

GUIMARÃES, Thayanne Porto Daibert

O cinema pornográfico de Erika Lust. Rio de Janeiro, 2015.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo)

– Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de
Comunicação – ECO.

Orientadora: Cristiane Henriques Costa

GUIMARÃES, Thayanne Porto Daibert. **O cinema pornográfico de Erika Lust.**
Orientadora: Cristiane Henriques Costa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em
Jornalismo.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é apresentar a pornografia feminista como uma nova alternativa para as grandes produções da indústria pornográfica. Ao colocar o corpo da mulher como evidência, esse novo subgênero começa a ganhar espaço no mercado por explorar a sexualidade feminina. Nesse trabalho, serão apresentadas as principais características desse novo estilo pornográfico. O aprofundamento do tema acontece com a análise de uma diretora específica, a Erika Lust, que, através da publicação de livros e palestras ao redor do mundo, faz com que mais pessoas tenham interesse nesse novo tipo de fazer pornografia. Para explicitar o que diferencia a pornografia feminista dos títulos *mainstream*, será analisado o filme *Five Hot Stories For Her*, lançado em 2007 pela Lust Productions.

*É preciso coragem pra ser mulher
nesse mundo.
Para viver como uma.
Para escrever sobre elas.*

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, acima de tudo. Obrigada por ter me dado o exemplo do que significa ser mulher, de lutar pelo que é necessário, de ser forte e nunca desistir. Obrigada por ter me apoiado em todas as etapas do caminho, por ter aturado meus surtos e minhas reclamações. Obrigada, enfim, por tudo em todos os momentos.

À minha avó Vera e minha tia Alexandra por, assim como minha mãe, serem o exemplo em casa de mulheres poderosas. Obrigada por acompanharem meus passos e me ajudado a levantar nas vezes em que eu tropecei.

À Caterina, por sempre ficar do meu lado. Mesmo quando eu mostro meu pior lado, você não deixa de me apoiar e eu serei eternamente grata por todas as memórias incríveis que nós construímos e construiremos juntas.

À Angélica e ao Everton, por todos os trabalhos, pelos conselhos, pelos abraços e por me ouvirem desabafar. Vocês são absolutamente incríveis e foram as melhores surpresas desses quatro anos.

Aos meus incríveis amigos que eu fiz durante esse período louco: Musa, Douglas, Tati, Natasha e Ruggeron. Nunca irei esquecer nossos lanches entre uma aula e outra, nossos “pulos” no Rio Sul e todas as conversas que me ajudaram a ser quem eu sou hoje

À Cristiane Costa, que aceitou esse desafio. Obrigada pela disponibilidade e o carinho de sempre. Serei eternamente grata pelos conselhos, pelas broncas sobre o uso da crase e por você ter embarcado nessa jornada comigo.

À Raquel Paiva e Irene Niskier, por terem sido tão atenciosas com todas as minhas dúvidas. Obrigada pelas broncas e pela disponibilidade.

Ao grupo Minas da ECO e todas as mulheres maravilhosas que eu conheci nele. Graças a vocês, sei que a ECO será um lugar muito melhor do que era quando eu entrei. Obrigada pelas conversas, pelas dicas, por abrir meus olhos nas vezes e por me mostrarem o que significava sororidade na prática. Vocês são incríveis.

Por fim, queria deixar aqui meu eterno agradecimento à Escola de Comunicação da UFRJ. Passamos por muitas coisas juntas nesses quase quatro anos: duas greves, paralisações, filas para tirar xérox e muitas dificuldades que só um aluno de federal entende. Porém, as os ladrilhos históricos foram testemunhas de todas as coisas que eu aprendi e do quanto eu evoluí. A ECO abriu a minha cabeça, me fez ser uma pessoa bem melhor do que eu era antes de entrar nesse prédio que é monumental por si só e pelas lembranças que ele cria.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A PORNOGRAFIA	15
2.1	Um breve histórico	15
2.2	A pornografia hoje	21
3	PORNOGRAFIA FEMINISTA	25
3.1	O que elas procuram	25
3.2	O feminismo e a pornografia	28
3.2.1	Moralismo e feminismo "radical"	29
3.2.2	Feministas "liberais"	31
3.3	Por uma proposta de pornografia feminista	33
4	ERIKA LUST E A TEORIA FEMINISTA NA PRÁTICA	39
4.1	Iniciação na era digital	42
4.2	Five Hot Stories For Her: o pensamento feminista na prática pornográfica	44
5	CONCLUSÃO	51
6	GLOSSÁRIO	54
7	BIBLIOGRAFIA	56

1 Introdução

Eu me lembro da minha primeira experiência com pornografia. Eu deveria ter uns 12 ou 13 anos, e, na época, a internet ainda não era onipresente: minha mãe tinha acabado de contratar o serviço de banda larga para a nossa casa. Pela primeira vez, eu poderia entrar na Internet sem ter que esperar o fim de semana chegar ou ocupar a linha de telefone. Na mesma época, as aulas de biologia se aprofundaram sobre a reprodução e o sexo passou a fazer parte das conversas cotidianas na minha roda de amigos.

Um dia, depois de voltar da escola, me vi sozinha em casa e a curiosidade tomou conta de mim. Na hora, cheguei a conclusão que as dúvidas iriam acabar. Fechei a porta e, com as mãos trêmulas, digitei no Google: “pornografia”. Entrei no primeiro site sugerido e, sem saber o que queria ver, cliquei em um vídeo aleatório. A história era sobre uma aluna que não estava satisfeita com sua nota. Para conseguir passar de ano, ela seduziu seu professor, que não hesitou por um segundo transar com sua aluna na mesa da sala de aula. A primeira coisa que chamou a minha atenção foram as roupas que a atriz usava: não conseguia imaginar nenhuma instituição de ensino que considerasse um sutiã vermelho, uma saia vermelha e um salto alto uniforme.

Mesmo achando o enredo pouco provável e um tanto quanto cômico (os diálogos forçados me lembravam as péssimas *fanfics* que eu lia na época), aquilo me deixava confusamente excitada. Afinal de contas, mesmo plastificado, sexo excita. Na época, conforme explorava timidamente os sites, percebia que todos os vídeos eram, na sua essência, iguais - uma mulher, que me deixava na dúvida se era ingênua ou burra, pronta para usar seu corpo para conseguir o que queria. Do outro lado, um homem forte, que sempre estava disposto a fazer sexo, não importava a hora e o local. Apesar da cena tratar de prazer, a expressão da atriz geralmente mostrava dor – e a violência estava presente na maior parte dos vídeos, seja com tapas no rosto ou xingamentos, todos eles voltados para a sexualidade da mulher. Ou seja, mesmo em um cenário em que a mulher deveria expressar sua sexualidade, ela era chamada de “puta” e “vadia”, termos que sempre tiveram conotação negativa. Ao mesmo tempo, o homem, não importa o que ele esteja fazendo, é o “comedor”, que, ironicamente, é considerado algo bom, uma “garantia” da masculinidade. Mas como o cara poder ter essa fama se, para as mulheres, fazer sexo casual é proibido, pecaminoso?

A sexualidade feminina sempre foi reprimida. As mulheres são educadas para passar de filhas para mães sem passarem pelo estágio de *ser mulher*. De modo geral, as

meninas são educadas “para dentro”: elas são criadas para servir, serem obedientes, casar, respeitar seus maridos, dedicar suas vidas para cuidar dos seus filhos e da casa, sem direito a folga. Quando criança, a mulher deve ter controle, sentar de pernas fechadas “como uma mocinha”. Na adolescência, tem vergonha do seu corpo, que passa por várias mudanças, e aprende a negar o prazer, que vem cheio de culpa e remorso. Nesta fase, os questionamentos sobre sexo são respondidos de maneira incompleta, ou então ignorados, pois esse não é assunto para “uma menina que se preze”.

Conforme ia crescendo, essas questões se impuseram sobre mim: por que os meninos podem e eu não? Outros pontos sobre questões de gênero, como as diversas formas de representação do relacionamento heterossexual na mídia, que sempre passavam a mesma imagem de submissão feminina, iam despertando a minha atenção. Ao mesmo tempo que percebia que essas questões influenciavam no meu dia-a-dia: ouvia que “sexo é tabu”, mas só se você fosse menina: meus colegas não tinham o menor problema em falar quantas garotas eles tinham “pegado”, e se gabavam quando conseguiam passar a mão na bunda delas, como se tivessem conquistado o Prêmio Nobel.

Quando entrei na Escola de Comunicação da UFRJ, encontrei um ambiente em que me sentia confortável conversando sobre sexo; não necessariamente sobre o ato em si, mas sobre o modo como a sociedade encarava esse tema, as restrições sofridas por ser mulher. Ainda hoje, as pessoas se surpreendem quando eu e outras colegas afirmamos, com certa naturalidade, que consumimos materiais pornográficos – coisa que não acontece com nossos colegas homens. Mesmo em um ambiente acadêmico, senti falta de ter uma aula de gênero que discutisse essa e outras questões, por isso, na hora de escrever a monografia, já tinha o desejo de abordar algum assunto que tratasse dessa temática.

Um dia, lendo o site Lugar de Mulher, me deparei com o artigo *Erika Lust e a pornografia feminista*¹ e, depois de maiores pesquisas sobre o assunto – até então, nunca tinha ouvido falar na pornografia feminista – decidi que esse seria o meu tema da dissertação. Como objeto de estudo, a própria Erika Lust, por ser uma das diretoras mais conhecidas desse universo. Para exemplificar como funcionaria essa teoria feminista na prática pornográfica, escolhi o filme *Five Hot Stories For Her* (“Cinco histórias quentes para ela”), uma compilação de cinco curtas metragens. Esse título foi escolhido porque os cinco curtas forneceriam maior variedade de enredos e personagens para serem analisados.

¹ Retirado de <http://lugardemulher.com.br/erika-lust-e-a-pornografia-feminista/> Acesso em 15/11/2015

A partir dessa limitação no campo de estudo, comecei a pesquisar sobre o tema. Ainda nas férias, vi sua palestra no TED, *It's time for porn to change* (“É hora da pornografia mudar), ministrada no TED (acrônimo de *Technology, Entertainment, Design*, em português, Tecnologia, Entretenimento, Design), em dezembro de 2014. Durante 10 minutos, Erika conta sobre suas experiências com a pornografia e como decidiu entrar nessa indústria para, de dentro dela, começar a transformação. Ao longo dessa dissertação, essa palestra foi utilizada para contar justamente a história da diretora dentro do universo pornográfico.

Um dos fatos que mais me chamaram a atenção foi a diferença entre a grande audiência que a mídia pornográfica recebe da sociedade e a falta de atenção com que o tema é tratado pela imprensa. Essa desatenção pode ser explicada, talvez, pela carga moral que a pornografia e a própria sexualidade carregam, ainda mais em uma sociedade marcada pelos dogmas do cristianismo, que sempre condenaram qualquer forma de prazer, principalmente o sexual. Ao mesmo tempo, essa falta de informações acontece por motivos financeiros, já que a falta de controle em relação ao tema construiu uma plataforma onde se apoiam as grandes produtoras pornográficas do mundo, que se aproveitam dessa ignorância geral para continuar explorando quem trabalha na indústria, principalmente as atrizes.

Antes, é necessário delimitar alguns conceitos que serão trabalhados ao longo dessa dissertação. Depois de apresentar um breve histórico da pornografia e seus diversos modos de produção e consumo, esse trabalho vai utilizar como objeto as obras de vídeo, vinculadas através dos grandes sites pornográficos. Apesar de ter um caráter mercadológico, não é, necessariamente, consumida mediante pagamento dos espectadores. Pelo contrário, a pornografia *mainstream* abordada nesse trabalho é vista gratuitamente, que atinge um maior número de pessoas. Essa pornografia também é, majoritariamente, heterossexual, uma vez que esse é o tipo mais encontrado nos grandes portais de entretenimento adulto, e que reforça atitudes consideradas aceitáveis em relacionamentos héteros.

O conceito de pornografia *mainstream* é aqui entendido como o tipo de pornografia que começou a aparecer na década de 80, quando os aparelhos de VHS invadiram as casas, fazendo o gênero ser mais acessível ao público, que passou a consumir pornografia em casa, longe do julgamento da sociedade. É o tipo de produção mais acessada hoje em dia, feita nos grandes estúdios e disponível nos sites de pornografia mais

populares, como Pornhub e Xvideos, e que costumam ter os mesmos enredos e características, que serão abordados ao longo dessa dissertação. A pornografia *mainstream* costuma ter o mesmo público-alvo: homens, ou na faixa dos 15 aos 18 anos – quando estão descobrindo o mundo sexual; ou dos 40 aos 50, que sofrem com a rotina do casamento e encontram no entretenimento adulto uma válvula de escape do seu dia-a-dia.

O objetivo desse trabalho é, em um primeiro plano, apresentar o conceito de pornografia feminista, que surgiu para repensar as produções voltadas para o público adulto com o enfoque no corpo e no prazer feminino para, logo depois, apresentar aos leitores a diretora sueca Erika Lust, que se firmou como um dos maiores nomes dessa leva de mulheres que se propõe a fazer um novo tipo de vídeos adultos. Logo depois, é realizada uma análise do filme *Five Hot Stories For Her*, lançado em 2007. Para compor a argumentação, foi utilizada uma bibliografia predominantemente constituída por mulheres, como a própria Erika Lust, Wendy McElroy, Fernanda Capibaribe e Ann Ferguson. Essa escolha foi proposital, pela questão do lugar de fala, as próprias mulheres assumem uma posição de fala, ou seja, elas debatem sobre as questões e problemas que elas mesmas sofrem e também para colaborar, mesmo que humildemente, para que mais mulheres sejam vistas no mundo acadêmico.

No primeiro capítulo, será traçado um histórico sobre a pornografia, levantando o questionamento que muitos estudiosos tentam explicar: existe diferença entre esse conceito e o erotismo? Além disso, é discutida a questão de como a moral influencia esse debate, principalmente em um mundo que, há dois mil anos, reprime os desejos, sexuais ou não, através da religião. Mesmo com essa proibição velada, a sociedade de modo geral aceita o consumo de material adulto, porém diferencia seu conteúdo entre homens e mulheres.

Aqui também será discutido como e por quem a pornografia é consumida atualmente, com a maioria dos dados retirados Pornhub Insights, portal criado pelo Pornhub, um dos maiores sites de pornografia do mundo. O Pornhub Insights é dedicado exclusivamente a pesquisa e análise do tráfego do Pornhub, com o objetivo de explorar a audiência do portal e oferecer dados interessantes para o público em geral. A partir desse capítulo, aparecerão alguns termos em inglês relacionados ao consumo da pornografia, como categorias dos sites e palavras procurados pelos usuários. Todos esses termos estão traduzidos e explicados no glossário.

O segundo capítulo é destinado a pornografia feminista. Antes de introduzir esse conceito, é feito um levantamento do que as mulheres procuram quando consomem

pornografia, novamente utilizando dados de pesquisas feitas pelo Pornhub Insight. Depois, é debatido como o feminismo passou a discutir a pornografia, e as visões antagônicas que o movimento tem desse assunto. Por fim, serão abordadas as características, que aparecem dentro e fora da tela, que transformam aquela produção em uma pornografia feminista. A partir de então, serão analisadas as diferenças entre esse novo fazer pornográfico e o modo convencional.

A partir dos dados anteriormente coletados e reelaborados, o terceiro capítulo será sobre a diretora sueca Erika Lust, contando a sua trajetória, a partir dos seus primeiros contatos com a pornografia até o momento que decide virar o jogo e ser a pessoa que faz esses vídeos. Será analisado também como ela pensa o feminismo na hora de produzir e dirigir seus filmes pornográficos. Para melhor compreender essa prática, serão analisados os cinco curtas que compõem o filme *Five Hot Stories For Her*, depois de apresentar o conceito de modos de endereçamento, criado pela autora norte-americana Elizabeth Ellsworth em 2010, e como isso influencia no modo de pensar filmes.

Esse trabalho, por fim, visa discutir como a pornografia muda o jeito como as pessoas vivenciam o sexo. Essa dissertação também quer levantar a discussão se a pornografia feminista é um conceito válido, e se consegue devolver para as mulheres a sexualidade que nunca lhes pertenceu.

2 A pornografia

O sexo sempre foi um tabu na sociedade. Quando a pornografia começou a se firmar como uma forma de entretenimento adulto, tiveram várias tentativas do poder de acabar com esse tipo de expressão. Mesmo agora, anos depois, a sociedade ainda tem dificuldade de controlar esse gênero, seja pela quase inexistente fiscalização ou por ainda manter um tabu envolvendo esse assunto. Enquanto isso, cresce o número de acessos aos portais que disponibilizam, gratuitamente ou mediante pagamento, filmes pornográficos.

2.1 Um breve histórico

Em um estudo sobre a pornografia, o mais difícil é identificar as fronteiras entre o pornográfico e o erótico. Os conceitos sempre andaram juntos, ambos se referem à sexualidade e às interdições sociais. Ao longo do tempo, muitos estudiosos se propuseram a definir esses dois conceitos como se fossem independentes um do outro, mas isso se provou uma tarefa quase impossível, uma vez que eles se encontram em um campo de contradição e ambiguidade, muito comum em discussões sobre a sexualidade. Como afirma o pesquisador da Unicamp Nuno Cesar Abreu em seu livro *O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo* (1996):

A fronteira entre eles (o erotismo e a pornografia), se há uma, é certamente imprecisa, já que não depende somente da natureza e do funcionamento das mensagens, mas também de sua recepção, de seu posicionamento entre o admissível e o inadmissível, cuja linha divisória flutua no espaço e no tempo. Ambos são ‘figuras do intolerável’, um território balizado socialmente, mas delimitado por cada um, suscitando em todos os sentimentos contraditórios como hostilidade, curiosidade, desgosto, idolatria, entre outros (ABREU, 1996, p. 16).

A história desta discussão remonta a tempos imemoriais. A primeira figura considerada erótica na história da humanidade foi esculpida no Paleolítico. A Vênus de Willendorf, de 2500 a 200 a.C, mostra uma figura feminina com seios, coxas e nádegas fartas. Essa mulher simbolizaria uma deusa da fertilidade e, de acordo com alguns estudiosos, serviria também como um símbolo de segurança, sucesso e bem estar. Esse tipo de imagem seria muito comum na época e não tinha nenhum cunho sexual – eram utilizadas em rituais religiosos, uma vez que a fertilidade era um conceito aplicado à Terra e a sua generosidade de dar frutos.

É interessante perceber que, no período pré-Cristianismo, as imagens eróticas tinham um significado espiritual em vez de serem associadas ao pecado. A tradição da arte erótica também se fez presente no Oriente. O Kama Sutra, escrito originalmente na Índia do século II a.C, compilou pelo menos 500 posições sexuais praticadas pelos nobres indianos. A obra já passou por diversas adaptações (como uma versão especial para gays e outra para lésbicas) e ainda hoje é uma das grandes referências literárias no mundo erótico. Já no Japão, predominou, entre os séculos XVII e XIX, um tipo de pintura chamada *shunga*, que abordava o sexo de maneira explícita. A maioria das pinturas retratava as aventuras sexuais de pessoas comuns, como fazendeiros e trabalhadores de forma geral. Os desenhos eram marcados por posições complicadas e por genitálias expressivas e exageradas.

Mesmo com muitas figuras e pinturas eróticas, esse termo só surgiu no século XX e a origem da palavra vem da Grécia: *erotikós*, que fez escala no latim *eroticus*, derivado de Eros, deus grego do amor e do desejo em sentido amplo (em Roma, essa figura atende pelo nome de Cupido). A palavra se referia ao desejo sexual, mas aquele que era ligado ao amor e não ao comércio.

Já a pornografia é um termo que chegou no fim do século XIX, dicionarizado no Brasil pela primeira vez em 1899 por Cândido de Figueiredo, segundo a datação do Houaiss. A palavra, do francês *pornographie*, surgiu cerca de um ano antes, com um sentido muito diferente do como é conhecida hoje: se referia ao estudo sobre a prostituição, usado para a saúde pública. Foi só em meados do século XIX que esse termo passou a ser utilizada para designar a arte que retratava temas obscenos. A raiz vem do grego, língua que tinha palavras como *pórne*, “prostituta”, *pórnos*, “que se prostitui”, *pornographos*, “autor de escritos sobre a prostituição” e *porneion*, “prostíbulo”. Todos esses termos traziam a ideia de comércio, o que diferencia a pornografia do erotismo: no segundo, a ideia é ligada ao afeto, e não à compra e à venda.

De acordo com as pesquisadoras Eliane Moraes e Sandra Lapeiz, na obra *O que é pornografia*, a pornografia existe desde a Antiguidade. Na Bíblia há diversas passagens que falam sobre a prostituição; na Grécia, o sexo era cultuado na literatura. No Império Romano, começou o interesse pelas formas não tradicionais de prazer, como o sadismo e a flagelação. Esse interesse pelo castigo físico se estendeu pela Idade Média, quando Igreja passou a usar a punição para reprimir os desejos sexuais: a tortura, aplicada nas costas e

ombros, foi transferida para as partes de baixo do corpo, como as nádegas, por medo que os danos se tornassem irreversíveis. O castigo passa a se tornar fonte de prazer.

Porém, foi só no final do século XIX que a pornografia passou a ter como única motivação e um fim em si mesma a excitação sexual de seu público. O desenvolvimento da prensa móvel, tecnologia desenvolvida por pelo inventor e gráfico alemão Johannes Gutenberg, aumentou a produção de livros e gravuras obscenas, o que causou seu barateamento e, conseqüentemente, o aumento do público consumidor. Nesse momento, houve uma preocupação social com as "terríveis conseqüências" do conhecimento (seja ele religioso, político ou sexual), fora das mãos de uma elite culta que, até então, era a única que tinha acesso a esse tipo de conteúdo. A obscenidade na representação sexual aproveitou o incremento da editoração para se desenvolver como um ramo de próspero mercado (legalizado ou não), gerador de lucros e possuidor de um público ávido para descobrir novos "segredos", que, até esse momento, eram violentamente proibidos.

Nesse sentido, o italiano Pietro Aretino é um marco. Considerado um dos grandes escritores do século XVI, seus livros *Sonetos Luxuriosos* (1527) e *Ragionamenti* (1534-1536) representam os antecedentes da pornografia moderna não apenas como balizas histórias, mas como modelos para as produções obscenas desde então. A importância do sexo como divertimento, a "sabedoria filosófica" das prostitutas, o não envolvimento da afetividade e a nomeação popular e explícitas dos órgãos genitais, elementos que até hoje fazem parte deste universo, encontraram neste autor sua origem moderna. Por isso, Aretino foi considerado um autor grosseiro e blasfemo, chamado de "retrato vivo da corrupção moral".

Os *Sonetos* são importantes por outro motivo: eles foram escritos para acompanhar uma série de gravuras eróticas criadas pelo pintor Giulio Romano, discípulo de Rafael, nas quais eram vistas diversas posições sexuais entre homens e mulheres. As gravuras originais se perderam, mas foram de extrema importância no universo da representação sexual. Usadas não só para ilustrar os textos, os desenhos tinham grande aceitação popular e um mercado próprio, já que a maior parte da população europeia ainda era iletrada.

Até meados do século XIX, por toda a Europa de cultura humanista, a pornografia se uniu à filosofia e ao racionalismo, tendo, como adeptos, grandes pensadores de cada época. A meta era o abalo das estruturas sociais através do prazer sexual:

Não era apenas o gozo dos sentidos que o material 'erótico' reclamava, mas também uma outra organização social, subvertendo e ridicularizando as relações de poder existentes”. (JÚNIOR, 2006, p. 47)

A Inglaterra do século XVII utilizou-se da descrença nos poderes divinos da religião e dos excessos da libertinagem sexual tanto para fragilizar o poder monárquico quanto para atacar os que criticavam tal instituição. Na França do século XVIII, textos que hoje são considerados de áreas distintas (como política, filosofia e pornografia) eram chamados genericamente de “livros filosóficos”. Em comum, tinham o potencial de subversão da ordem estabelecida e, por isso, tinham sua reprodução e venda proibidas.

Com esse pano de fundo, surgiu no fim do século XVIII um autor que levou a crítica social, política e religiosa, a fragmentação dos corpos e o prazer sexual egoísta e absoluto às suas mais radicais consequências: Donatien-Alphonse-François, o Marquês de Sade. O francês passou 27 de seus 74 anos de vida encarcerado e usou seu tempo de prisão e hospício para criar uma vasta obra repleta de sangue e sexo.

As personagens de Sade têm na vontade o elemento determinante de seus atos. A verdadeira libertinagem está em nunca perder a consciência, mas sim “educá-la para melhor aproveitar os prazeres que um suplício pode proporcionar” (Júnior, 2006). Daí surge a “apatia” dos sadianos e sua capacidade de educar as paixões para não intervirem, já que um prazer muito além delas, que deve ser conhecido à custa dos corpos suplicados. O prazer deve ser arrancado, conquistado à força, jamais cedido.

No século seguinte, com a revolução sexual, na década de 1960, e as manifestações da época, sexo e política se aproximaram a ponto de embaralhar e trazer a tona novos conceitos e direcionamentos para o debate da sexualidade. Um exemplo que demonstra a dificuldade de delimitar a pornografia é a definição atribuída ao juiz da Suprema Corte americana, Potter Stewart, em 1954: “Eu não sei o que ela é, mas reconheço quando vejo uma”. O juiz assinala uma qualidade inerente à forma pornográfica: ela fala ao corpo do indivíduo, sobretudo à sua libido.

Nós a tomamos como quase todo mundo entende o termo. Uma representação pornográfica é aquela que combina dois aspectos: ela tem uma certa função ou intenção de despertar sexualmente sua audiência, e também tem um certo conteúdo, representações explícitas de material sexual (órgãos, posturas, atividade etc.). Um trabalho tem de ter ambos, esta função e este conteúdo, para ser uma peça de pornografia. Nesta tentativa de definição legal de pornografia, produzida por uma comissão inglesa que se debruçou sobre o assunto e cujo relatório final ficou conhecido como The Willians Report, o que se destaca é a obviedade,

somente explicada pela necessidade de atender “quase todo mundo” (ELLIS apud ABREU, 1996, p. 32).

Os anos 1970 vieram e são vistos até hoje como a “era de ouro da pornografia”. Foi nessa década que filmes como *The Devil in Miss Jones* (1973), *Emmanuelle* (1974), *Debbie Does Dallas* (1978) foram lançados. Esse “status” se deve, em grande parte, a *Deep Throat*, lançado em 1974 e que até hoje é considerado o maior filme do gênero. A produção, considerada de baixo custo na época (25 mil dólares), conseguiu arrecadar 600 milhões de dólares ao contar a história de uma mulher sexualmente frustrada (Linda Lovelace, interpretando ela mesma) que não sabe por que não consegue atingir orgasmos. Depois de uma visita ao ginecologista, Linda descobre que o seu clitóris está localizado na sua garganta. A partir de então, a história é focada na nessa nova fase da vida sexual da protagonista.

Para muitos, o sucesso dos filmes da década de 1970 se deu pelos diálogos inteligentes, enredos interessantes e até mesmo sátiras da vida social e política da época. Outro fator apontado é que, depois das discussões sobre sexo nos anos anteriores, o tema já não causava tanto espanto como antes e a ideia de “amor livre” apareceu com o termo *porn chic*, que se referia ao filme pornográfico pensado para o público feminino. Um exemplo desse subgênero seria *Emmanuelle*, que não chega a ter cenas de sexo explícito, uma vez que era (e ainda é) comum pensar que as mulheres preferem cenas em que o sexo é implícito.

Desde o início, esse tipo de filme, produzido para as mulheres, não era considerado “pornografia”, e sim “erótico para casais”. O propósito era educacional: facilitar as coisas para as mulheres que, por questões culturais e pessoais, tinham problemas de falar abertamente sobre os problemas sexuais, além de “esquentar” relações que já não tinham a força dos anos iniciais.

No entanto, não basta tratar da questão pornografia x erotismo sem levar em conta a moral, entendida aqui como um veículo de controle social. Vale ressaltar que todo o processo civilizatório foi baseado na repressão. Desde que os homens passaram a se organizar como uma sociedade, tornou-se necessária a criação de regras de comportamento. A violação dessas normas passou a ser vista como passível de castigo, decidido pelo grupo social. Nesse processo de repressão, o corpo também teve que ser disciplinado e os prazeres ficaram sob controle. Códigos passam a ditar a normalidade e o proibido foi instaurado para organizar as perversões.

O século XIX foi importante para o estudo de fenômenos como as leis naturais e a ciência, tirando da religião o posto de dona da verdade. A ciência assumiu a tarefa de controlar o corpo e a sexualidade, analisando a vida das pessoas e os seus prazeres. O corpo, que antes era pecador por conta do castigo divino, passou a ter, cientificamente, enfermidades, anomalias genéricas, neuroses, o que permite a criação de um padrão de como agir, pensar e amar. Michel Foucault (1980) distingue dois procedimentos para produzir o conhecimento do sexo: o *ars erotica*, produto da sociedade oriental, em que a verdade é extraída do próprio prazer, visto como prática e recolhido como experiência. O prazer deve ser conhecido, em sua intensidade, sua qualidade específica e suas reverberações no corpo e na alma (uma sacralização da sexualidade). Já a *scientia sexualis*, criação da sociedade ocidental, é baseada na confissão e na penitência, e que evoluiu para os discursos científicos que conjugam relações do saber e do poder. Foi através da prática discursiva de falar da sexualidade, ou seja, da sua exposição, que foi possível controlá-la.

O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem devotado a falar sempre dele, valorizando-o como o segredo. (FOUCAULT, 1980, p. 36).

Com o surgimento das novas tecnologias, no final do século XIX, começaram a se desenvolver as “tecnologias do visível” (como a fotografia), que participam deste processo da “vontade de saber”. A vontade de capturar o mundo e o corpo através das lentes encontrou, no seu início, afinidade com a *scientia sexualis*. As novas tecnologias traziam consigo um “aparato discursivo” capaz de produzir “confissões” quando colocadas a serviços médicos, registrando imagens de convulsões e lições de anatomia. Ao mesmo tempo, as lentes podiam também implantar perversões. Com o desenvolvimento do cinema, no início do século XX, passa a se explorar o potencial do obsceno na indústria cinematográfica. Estima-se que o primeiro filme pornográfico foi feito na França, em 1908, e conta a história da relação entre um soldado e uma camareira.

Além da questão histórica e moral, a distinção entre o erótico e o pornográfico atravessa a problemática da cultura de massa e cultura erudita. De acordo com Abreu (1996), são classificados como erótico os assuntos que abordam a sexualidade de maneira “nobre” e “artística”, já o pornográfico tem caráter “grosseiro e vulgar”, com o objetivo evidente de comercialização e de falar somente aos instintos. Para uma melhor separação mercadológica, os produtos com excesso de ações sexuais foram classificados como

hardcore; já o *softcore* era o sexo implícito, sugerido. O termo *hard core* foi originado na esfera jurídica, pronunciado pela primeira vez pelo promotor J. Lee Ranking, em 1957. Hoje o termo praticamente se confunde com a qualificação de material com sexo explícito.

“Pornografia *hardcore*”, explicou Rankin aos juízes, era o “objeto principal” (...) de noventa por cento do material colocado sobre sua investigação. Este material – fotos, filmes e livros – representava homens e mulheres engajados em “todo tipo concebível de relações sexuais normais ou anormais” e a única “ideia” que expressava era de “que há prazer na gratificação sexual, seja lá o que isso signifique”. O “valor social” desta ideia, “certamente, é nulo” (KENDRICK apud ABREU 1996, p. 41)

2.2 A pornografia hoje

Desde a “era de ouro da pornografia”, os filmes desse gênero passaram por diversas transformações até chegarem ao modo como são exibidos hoje. A partir de 1990 começam a surgir grandes produções na indústria pornográfica, com orçamentos elevados e a transformação de atores e atrizes do gênero em astros e os consumidores assistindo aos vídeos em CD-ROM em vez de nas fitas VHS. Não demorou muito para a Internet se tornar o meio mais popular de consumir pornografia, por causa de sua praticidade, privacidade e baixo custo (chegando até ao custo zero). O crescimento das tecnologias, que se tornaram mais acessíveis e fáceis de manusear, mudou também a produção dos filmes pornográficos. Não são mais necessários uma grande produtora, atores e cenários; qualquer pessoa com um dispositivo de filmagem (seja de filmadoras profissionais até qualquer celular com câmera) pode gravar um vídeo e publicá-lo na Internet. A pesquisadora Nízia Villaça explica esse fenômeno:

Sem dúvida, a sociedade do espetáculo atual, em seu viés neoliberal e competitivo, parece tudo querer mostrar, tudo tornar público e isto explica, em parte, a tendência da passagem do segredo erótico à obscenidade pornográfica².

Em 2014, a revista americana *The Week* e o site francês *Stimuli Curieux et Insolites* compilaram e divulgaram alguns dados que ajudam a entender a indústria pornográfica, que movimenta, no mundo, cerca de US\$ 97 bilhões todos os anos. Só os

² Retirado de <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/erotismo-e-isso-pornografia-e-aquilo-de-nizia-villaca-2/> Acesso em 9/4/2015

Estados Unidos, que produzem 89% de toda a pornografia online, são responsáveis por 13% dessa quantia – a Internet é responsável por metade do lucro. O estudo apontou que 12% dos sites são pornográficos, o que corresponde a 76,2 milhões. Estima-se que, a cada dia, são criados mais 266 sites desse tipo de conteúdo. Esses dados são ligados ao grande número de procura: 25% das pesquisas em ferramentas de busca envolvem sexo, cerca de 750 milhões de consultas diárias. São os chineses, japoneses, americanos e sul-coreanos que mais consomem pornografia, e esse consumo não é mais restrito ao lar. Pelo menos 20% dos homens confessam que veem pornografia no meio do expediente do trabalho. As mulheres também visitam sites de conteúdo adulto, mas em menor quantidade: a cada quatro acessos, um é de mulher.

Em 2012, o site ExtremeTech estimou que o acesso a conteúdos pornográficos gera cerca de 30% do tráfego de dados na internet. Isso significa que cerca de 29 peta bytes são transferidos pelos internautas por mês, ou quase 50 gigabytes por segundo. A estimativa pode ser ainda maior, se forem levados em conta os arquivos de upload hospedados pelos sites. O cálculo do estudo foi feito com base no tempo gasto pelos internautas nos sites de conteúdo pornográfico (média de 15 minutos, comparado aos seis minutos que um usuário passa em um site não-pornográfico), presumindo que a maioria dos vídeos é exibido em baixa resolução. A pesquisa também levou em conta o número de visualizações de páginas geradas por esses sites para demonstrar o impacto deles no tráfego na internet. De acordo com o levantamento, o site Xvideos é apontado como “o maior site de pornografia do mundo”, com mais de 4 bilhões de páginas visualizadas e 350 milhões de visitantes únicos por mês. Somente o Facebook e o Youtube têm estatísticas de audiência maiores que o Xvideos. Atrás dele, estão o Pornhub (2,5 bilhões de páginas visualizadas) e o YouPorn em terceiro lugar com 2,1 de visualizações.

No ano passado, o Pornhub lançou o Pornhub Insights, portal destinado à divulgar estatísticas do perfil dos usuários e como eles acessam o segundo maior site de pornografia. Durante mais de um ano, o site realizou pesquisas como o consumo por partes das mulheres, o tráfego no site em datas comemorativas como o Natal e Ano Novo, e como fenômenos da cultura pop influenciam na procura por certos termos ou categorias. Devido ao grande número de pessoas que acessam o Pornhub, essas informações serão utilizadas para entender como os usuários costumam consumir pornografia em sites.

Antes é necessário entender como essa pesquisa foi feita para, então, analisarmos os dados. Para poder traçar o perfil dos seus visitantes, o Pornhub optou por utilizar o

Google Analytics, um sistema de monitoramento de tráfego que pode ser instalado em qualquer site ou blog. Seu principal objetivo é analisar o comportamento dos usuários enquanto eles navegam pelo site. Os recursos do Google Analytics também permitem saber o número total de visitantes, visitantes únicos e os que retornam ao site, além de fornecer as origens do tráfego, por cidade, estado ou país. O Pornhub optou por essa ferramenta porque não queria fazer nenhum tipo de pesquisa com os seus visitantes, mesmo anônima, para que ninguém se sentisse exposto. Outra opção levantada em consideração foi a instalação de *cookies* (arquivos de internet que armazenam temporariamente o que o internauta visita), também descartada pela equipe do site sob o argumento de proteger o sigilo dos usuários.

De acordo com a pesquisa *The Golden Age Of Porn* (“A Era de Ouro do Pornô”), publicada no dia 3 de março de 2015, a idade média das pessoas que costumam acessar o site é de 35,3 anos – o dos homens é de 36 e das mulheres é de 34. Os usuários mais jovens (de 18 a 44 anos) usam, na sua maioria, os smartphones para acessar o site. Os mais velhos, que tem idade a partir de 45, preferem o computador. No entanto, é curioso notar que, a partir do grupo 45-54, há um crescimento de usuários utilizando os tablets para entrar nos sites. Isso pode ser explicado pelo fato que muitas pessoas mais velhas estão começando a usar o aparelho, que apresenta um tamanho mais confortável, se comparado aos celulares, e costuma ser mais acessível e fácil de carregar, ao contrário dos computadores.

A pesquisa *2014 Year In Review* (“Análise do ano de 2014”), publicada no dia 7 de janeiro de 2015 mostrou que, no ano passado, o Pornhub teve 78,9 bilhões de vídeos acessados, o que corresponde a 11 vídeos vistos por pessoa em todo o mundo. Foram 18,35 bilhões de visitas, cerca de 5,8 mil por segundo. Os dez países que mais acessaram foram os Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Irlanda, Noruega, Nova Zelândia, Austrália, Islândia, Suécia e Dinamarca. Todos os cinco termos mais procurados no ano passado tem a ver com a figura feminina: *teen*³, *lesbian*, *milf*, *step mom* e *mom*. Em relação aos termos cuja procura aumentou se comparados à 2013, a maioria do “top 5” também tem relação com a mulher. *Lesbian seduces straight girl* aumentou 328% em relação à 2013, seguido de *shemale fuck girl* (aumento de 191%), *lesbians scissoring* (156% a mais de procura), *step sister* (152%) e *pov* (107%).

³ Ver glossário.

O computador e o telefone são os principais meios pelos quais as pessoas acessam os sites pornográficos, com 44% e 45% de uso, respectivamente. O tablet apresenta apenas 11% de adeptos, mas houve mudança significativa em relação ao ano passado. O acesso via computador diminuiu 13% se comparado a 2013, e tanto os smartphones quanto o tablet apresentaram aumento de 12% e 20% respectivamente. Esse aumento do consumo em aparelhos portáteis significa que a pornografia está deixando de ter seu espaço reservado para a casa e passando a estar presente quando e onde o usuário desejar.

3 Pornografia feminista

A revolução sexual dos anos 60 proporcionou às mulheres maior controle do seu corpo e da sua sexualidade. A invenção da pílula anticoncepcional e os estudos realizados por William Masters e Virginia Johnson foram responsáveis pela discussão do novo rumo da sexualidade feminina, que resultaria, aos poucos, na transição do papel da mulher de procriadora para agente do próprio prazer. Ao longo da década de 70, houve um amadurecimento nos discursos sobre o papel do sexo na vida da mulher, gerando uma identidade sexual feminina, que se baseou em dois discursos já consolidados no século XX: o do corpo da mulher em evidência e o do consumo capitalista. Na mesma época, surgiu um novo conceito, que colocou o sexo como símbolo da saúde e da modernidade. Tudo isso colaborou para que o corpo feminino ficasse ainda mais em evidência.

3.1 O que elas procuram

Com o aumento da liberdade feminina, as mulheres passaram a se sentir mais confortáveis para explorar a sua própria sexualidade. No entanto, como o gênero feminino é historicamente reprimido no campo sexual, mesmo essa liberdade foi aproveitada de modo contido. Por isso, o lar foi o lugar escolhido para que essa descoberta acontecesse, longe dos olhares de reprovação da sociedade machista. Com a popularização da Internet, muitas mulheres encontraram nos sites pornográficos a oportunidade ideal de explorar novos campos. Essa tomada dos sites pelo público feminino demorou pelo menos dez anos para acontecer, já que a área era predominantemente masculina. Para as mulheres, o sexo era consumido principalmente nos livros, na chamada literatura erótica. Vale relembrar a tradicional diferença entre a pornografia e o erotismo, e como ela é fundamental para entender como a sociedade vê a relação entre o sexo e os gêneros. A pornografia, o sexo sem sentimentos, era um território masculino; o erotismo, sexo com sentimento (geralmente amor ou afeto) era um produto destinado às mulheres.

A pesquisadora inglesa Jane Juffer (1998) surgiu com o conceito de “pornografia domesticada” para discutir a questão do lar como espaço de consumo desses produtos pornográficos por parte das mulheres e, em seguida, caracterizá-los como mais dóceis. A pesquisadora afirma que entender como se dá o acesso a esse tipo de material por parte das mulheres é fundamental. Embora fale predominantemente da literatura, ela observa que as mulheres têm mais acesso aos materiais que se vendem como eróticos do que aqueles

considerados pornográficos. Isso acontece porque o material pornográfico ainda não tem a legitimação social do material erótico quando se trata das mulheres.

Atentos ao fato de que o público feminino está crescendo, alguns sites como o Xhamster e o Pornhub criaram categorias de vídeos para as mulheres, baseadas em informações extraídas de *cookies* e do Google Analytics - o Pornhub Insights aponta que as mulheres já representam 24% dos acessos em todo o mundo. De acordo com a professora Diana Parry, da Universidade de Waterloo, no Canadá, a busca por conteúdos de sexo explícito por parte das mulheres aumentou consideravelmente após o lançamento da trilogia Cinquenta tons de cinza⁴. O site *Business Insider*⁵ fez uma reportagem analisando alguns números do fenômeno para entender o fenômeno que foi a trilogia e como ele influenciou a vida sexual de parte da população feminina: em 2012, a trilogia ultrapassou a série Harry Potter em número de vendas no Reino Unido, se tornando a série de ficção mais vendida no país. Em 2014, vendeu mais de 100 milhões de cópias em todo mundo – se igualando a outros sucessos de público, como Crepúsculo. A série também fez sucesso nas vendas digitais, o primeiro livro bateu a marca de um milhão de e-books vendidos, além de vender 205.130 exemplares em uma semana.

Em seu estudo, Parry entrevistou um grupo de 28 mulheres, todas elas entre 20 e 50 anos, sobre o consumo de pornografia. Para a estudiosa, os livros atizaram a curiosidade das mulheres, que passaram a querer saber mais. Algumas das entrevistadas responderam que estavam procurando esse tipo de material pela primeira vez. Mesmo com toda a problemática apontada em diversos pontos do enredo, Cinquenta Tons de Cinza ajudou as mulheres a explorar sua sexualidade e, como consequência, a consumir mais pornografia. Essa procura influenciou diretamente os sites de conteúdo adulto. Dados do Pornhub revelam que, desde o lançamento do filme (12 de fevereiro de 2015), houve um aumento de 40% na procura feminina por termos como *submission*, *spank* e *bondage*, comparado a 20% do interesse masculino por essas mesmas palavras.

Para tentar entender um pouco do consumo das mulheres de pornografia, o Pornhub Insights fez dois estudos intitulados *What Women Want* (“O que as mulheres querem”), um lançado no dia 16 de setembro de 2014 e outro no dia 25 de julho de 2015. O primeiro mostrou que as mulheres se interessam mais do que os homens por pornografia

⁴ Retirado de <http://time.com/3708659/fifty-shades-of-grey-women-porn/> Acesso em 10/10/2015

⁵ Retirado de <http://www.businessinsider.com/by-the-numbers-the-50-shades-of-grey-phenomenon-2012-6> Acesso em 10/10/2015

gay: a categoria é a segunda mais procurada pelo público feminino; para comparação, essa mesma categoria é a sétima mais procurada pelos homens. Ou seja, esse tipo de vídeo é mais popular para o sexo oposto para o qual eles são pensados. Levando em consideração que o termo “lésbico” está no topo da procura feminina, é possível perceber que esse tipo de público se interessa mais por vídeos com casais do mesmo sexo.

Em relação aos termos mais procurados, *lesbian* também está novamente em primeiro lugar para as mulheres. Os outros termos revelam que o público feminino gosta de ver vídeos com multiparceiros: o termo *threesome* vem em segundo lugar e *gangbang* em quarto. A pesquisa apontou que as mulheres buscam vídeos que envolvem a questão racial: entre os 25 termos mais procurados estão *big black cock*, *ebony*, *black* e *ebony lesbians*. O Pornhub também fez um levantamento em relação às categorias que as mulheres visitam mais do que os homens. Em primeiro lugar está *For Women* (Para as mulheres), com acesso de 193% a mais do público feminino do que o masculino, categoria com vídeos considerados “amigáveis para as mulheres”.

A divulgação dessa pesquisa fez tanto sucesso que, nove meses depois, surgiu uma segunda versão dela. Os três termos mais procurados pelas mulheres continuaram sendo *lesbian*, *threesome* e *squirt*. No entanto, os termos *massage* e *teen* perderem posição, sendo substituídos por *black*, *cartoon* e *lesbian scissoring*. Em relação aos termos que ficaram mais populares em comparação ao ano passado, *real celebrity sex tape* teve um impressionante crescimento de 1028% - a equipe do site acredita que esse aumento se deve às fotos de Kim Kardashian, que ganhou notoriedade depois que um vídeo seu fazendo sexo virou um sucesso, para a revista Paper Mag. Outros termos que tiveram um aumento de busca foram *man eating pussy*, com 589%, *guy eating girl out*, com 353%, e *hardcore pussy eating*, mais uma referência ao sexo oral praticado nas mulheres, com 288%, o que mostra o interesse das mulheres pelo sexo oral feminino, assunto que passou a ter bastante atenção nos últimos anos. *Hard rough fuck* e *fucked hard screaming* tiveram um aumento de 300%.

A equipe do Pornhub também reviu os termos que as mulheres procuram mais do que os homens. Na primeira pesquisa, *eating pussy* e *pussy licking* encabeçavam a lista, sendo procurados pelas mulheres 901% e 792% a mais que os homens, respectivamente. Isso não mudou muito, já que a nova pesquisa mostra que os cinco termos mais procurados por mulheres em relação aos homens têm a ver com termos relacionados ao sexo oral feito em mulheres, todos entre 722% e 934% de procura a mais pelo público feminino. A lista

conta com palavras relacionadas ao sexo lésbico, como *ebony lesbian* e *girl on girl*. *Daddy* teve um aumento de 50% nas buscas em relação a setembro de 2014.

As categorias *Lesbian* e *Gay* continuam ocupando os dois primeiros lugares. *Teen* foi para a quarta posição, sendo substituída por *Big Dick*. A categoria *For Women* passou do 8º para o 4º lugar. *For Women*, *Lesbian* e *Solo Male* continuam sendo as mais populares, mas o aumento da procura feminina em relação à masculina por essas categorias surpreendeu a equipe do site: *For Women* e *Lesbian* cresceram 202% e 155% – em setembro, o público feminino procurava por essas categorias 193% e 132% a mais do que os homens.

A pesquisa de julho revelou que 24% dos visitantes do site são mulheres, 1% a mais do que no ano passado. Brasil e as Filipinas estão empatados com 35% dos cliques femininos, seguidos por Índia e Argentina (ambos com 30%) e Polônia (29%). Em relação à pesquisa realizada em setembro, todos os países aumentaram o número de visitantes femininos, menos Espanha e Rússia, que tiveram perda de 1%, e Japão, que se manteve com 17%. As mulheres costumam passar mais tempos nos sites, com uma média de 10 minutos e 10 segundos, comparado com 9:22 dos homens – o único país que o público masculino fica mais tempo é a Rússia. A maior parte das mulheres que acessa sites pornográficos tem a idade entre 18 e 24 anos, seguido do público 25-34. A idade média da mulher que entra nesses sites é de 34 anos, dois a menos que a do homem.

3.2 O feminismo e a pornografia

No fim dos anos 70, o movimento feminista ganhou mais força - principalmente com a ameaça do New Right, movimento organizado por políticos republicanos e lideranças religiosas que pediam, entre outros, a criminalização do aborto, o fim dos direitos aos homossexuais e propostas para que as mulheres saíssem da esfera política e focassem nas tarefas do lar. Nesse contexto, a questão da pornografia amplia sua importância nas reflexões feministas sobre as relações de gênero. Para debater essas questões, surgem grupos de opiniões antagônicas e que até hoje têm suas pautas na discussão feminista.

3.2.1 Moralismo e feminismo "radical"

Em 1976, surge o *Women Against Violence in Pornography and Media* e, em 1979, o *Women Against Pornography*. A cientista política Maria Filomena Gregori no seu estudo *Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M* nota que "a reação ao moralismo de 'direita' fez emergir, paradoxalmente, de um lado, um moralismo feminista anti-sexo protagonizado pelo movimento contra a pornografia - não menos normatizados do que a retórica que caracterizava a New Right" (pág. 2, 2004). Para essa vertente, toda forma de sexo heterossexual seria um modo de opressão patriarcal - ideia reproduzida por Andrea Dworkin, em seu livro *Intercourse* (1987). Na obra, a americana afirma que "todo sexo heterossexual é estupro". Esse viés afirma que um dos mecanismos do patriarcado é a heterossexualidade: é por causa dessa orientação sexual que as mulheres são cobradas a confiarem nos homens e ensinadas que outras mulheres são competidoras pela atenção do homem. De acordo com as "radfem" (como são chamadas as feministas radicais), é através do ato sexual hétero que o homem subordina a mulher, utilizando as mulheres como objetos para a penetração, e esse ato, considerado violento, as desumanizaria. Essa vertente radical acredita que objetivo dos homens que terem relações sexuais com frequência é provocar a gravidez, que seria contra a vontade da mulher, e assim ganhar controle sobre as faculdades reprodutivas femininas.

O sexo heterossexual seria uma das formas de oprimir a mulher dentro e fora do lar: o casamento só é considerado válido se ele for consumado; o ano passado, a Organização de Nações Unidas (ONU) listou 21 países⁶ onde o estupro é utilizado como arma de guerra. O relatório identificou 34 organizações armadas "suspeitas de estupros e outras formas de violência sexual em situações de conflito" em países como a República Centro-Africana, Costa do Marfim, República Democrática do Congo, Mali, Sudão do Sul e Síria.

Ann Ferguson, em *Sex war: the debate between radical and libertarian feminists* (1984) chama de "radicais" as feministas que são contra a pornografia. Historicamente, esse grupo é composto por mulheres que fazem parte de uma parcela da comunidade lésbica. Elas rejeitam o sexo heterossexual não apenas por uma questão de escolha sexual, mas como consequência de uma leitura determinística sobre a dinâmica de poder desse tipo de relação. "O feminismo radical hasteou sua bandeira contra as instituições

⁶ Retirado de <http://oglobo.globo.com/mundo/onu-lista-21-paises-onde-estupro-usado-como-arma-de-guerra-12287386> Acesso em 26/10/2015

heterossexuais, como a pornografia, tomando-a como um exemplar da violência e do perigo contra as mulheres” (Gregori, 2004). O movimento "anti-sexo" teve outros alvos: a prostituição, a pedofilia, o sadomasoquismo e a promiscuidade sexual. Para o grupo, a sexualidade e suas representações são profundamente marcadas pela identificação dos homens como agressores e das mulheres como vítimas.

O grupo argumenta que a pornografia é prejudicial às mulheres, e constituiu forte facilitação para a violência contra o gênero feminino. Essa violência, no caso, não é apenas física. A advogada americana Catharine MacKinnon afirma que a produção de pornografia implica física, psicológica e/ou coerção econômica das mulheres que fazem parte da indústria. As ex-atrizes pornô Traci Lords e Linda Boreman (nome real de Linda Lovelace, estrela de *Deep Throat*) afirmam que a maior parte das artistas mulheres é coagida à pornografia, seja pela ação de terceiros ou por um conjunto de "infelizes circunstâncias". Boreman afirma que ela foi espancada, estuprada e prostituída pelo seu marido Chuck Traynor e que ele a ameaçou com armas para que ela fizesse algumas cenas de *Deep Throat*.

Para o movimento "anti-sexo", a pornografia contribui para o sexismo, pois reduz as atrizes a objetos sexuais para o uso (e abuso) dos homens. A narrativa é criada para satisfazer o prazer masculino - as mulheres aparecem na tela em papéis de subordinação. Esse grupo critica a forma passiva como os papéis femininos são apresentados e como, em muitos casos, os atos performados são abusivos e estão ali somente para que o homem atinja seu ápice. Sem contar que muitas das palavras e categorias procuradas pelo público masculino na pornografia (como sexo anal e ejaculação no rosto da parceira) são consideradas atos degradantes para a maioria das mulheres, que no vídeo passam a imagem de que gostam desse tipo de ato. A crítica para esse tipo de performance é que ela passaria a impressão que o gênero feminino deve se submeter a fazer coisas que não quer e assumir papéis, mesmo que se sintam desconfortáveis, só para agradar os homens.

A Teoria do Poder Social é outro aspecto do feminismo radical. Em uma sociedade patriarcal, a sexualidade serve como uma ferramenta para a dominação masculina através de objetificação sexual. Esse é o mecanismo social que opera a instituição do feminino e do masculino no núcleo familiar patriarcal. "A ideologia da objetificação sexual é sadomasoquista, ou seja, o masculino é um sadístico que controla as mulheres e o feminino é submisso às vontades dos homens" (Ferguson, 1984). O movimento anti-sexo acredita também que a liberdade sexual exige liberdade e respeito

mútuo entre os parceiros - o que exige, por sua vez, a eliminação de todas as instituições patriarcais, como a indústria pornográfica, a pornografia, e a chamada "heterossexualidade compulsória". Esse conceito foi criado em 1980 pela feminista Adrienne Rich, em uma análise sobre a experiência lésbica. Para Rich, as mulheres são doutrinadas pela ideologia do romance heterossexual através da mídia (contos de fada, televisão, cinema, etc.), que reproduz propagandas coercitivas da heterossexualidade e do casamento como padrão e única forma considerada normal de vivência da sexualidade. Através desses mecanismos, as mulheres seriam “aprisionadas” à heterossexualidade e tentariam ajustar a mente a um modo prescrito de sexualidade.

Em *O Pensamento Heterossexual* (1980) e *Não se Nasce Mulher* (1981), a escritora e teórica francesa Monique Wittig discute que o que constitui uma mulher é uma relação social específica com um homem, chamada por ela de servidão ou até de escravidão, que implica uma série de obrigações (como o trabalho doméstico, ter filhos e os deveres conjugais) que sustentariam a sociedade heterossexual. Ao escapar dessas relações quando rejeitam ser héteros, as lésbicas não “seriam mulheres”, de acordo com a autora, que acredita que a heterossexualidade não é uma orientação sexual, e sim um regime político que se baseia na submissão e apropriação de mulheres.

No artigo *O que perdemos com os preconceitos?*, escrito por Leonardo Colling⁷, o autor vai além e relembra o conceito criado por Michael Werner em 1991: heteronormatividade, que busca dar conta de uma nova ordem social. Se antes, a ordem exigia que todos fossem héteros, agora todos, héteros ou não, devem organizar suas vidas conforme o modelo “supostamente coerente” da heterossexualidade. Nesse ponto, os pensamentos de Colling se aproximam com os de Wittig quando o brasileiro afirma que “com isso, entendemos que a heterossexualidade não é apenas uma orientação sexual, mas um modelo político que organiza nossas vidas” (pág. 24).

3.2.2 Feministas "liberais"

Com o aumento da discussão sobre o feminismo na década de 70, algumas vozes dentro do movimento feministas começaram a se destacar por ter opiniões favoráveis ao sexo. Juffer apontou que a segunda onda do feminismo trouxe importantes debates acerca

⁷ COLLING, L. O que perdemos com os preconceitos?. *Revista Cult*, Rio de Janeiro, pág. 22, jun 2015

da masturbação feminina, com ênfase especial dada ao clitóris. A legitimação dessa prática representou não apenas a colocação do corpo enquanto espaço de luta política, mas também forjou um novo regime discurso do corpo feminino. Enquanto as feministas anti-pornografia enxergavam no entretenimento adulto uma violência para com as mulheres, as "pro-sex" argumentavam que esse tipo de material era benéfico para o prazer sexual, sem julgamento do texto como diminuidor ou objetificador das mulheres.

Em 1982, no Bernard College em Nova York, uma conferência deu início a essas novas perspectivas, reunindo feministas héteros e lésbicas que "apoiavam e tomavam como objetivo de reflexão as alternativas sexuais que implicam o prazer dos parceiros, inclusive, aquelas práticas que estavam sob o alvo das feministas radicais" (Gregori, 2004). O resultado da conferência foi publicado no livro *Pleasure and Danger*, por Carol Vance, se caracterizando como um marco importante no campo. Ao problematizar e recusar a associação da sexualidade aos modelos coercivos de denominação, essa nova vertente vê na pornografia um modo das mulheres explorarem sua sexualidade e começarem a tomar o poder sob o próprio corpo.

Gregori (2004) fez uma interessante análise sobre a obra *Pleasure and Danger*. Para a cientista política, Carol Vance criou uma "convenção" sobre o erotismo que implica a ideia de que a liberdade sexual da mulher constitui prazer e perigo:

Perigo na medida em que é importante ter em mente aspectos como o estupro, o abuso e o espancamento como fenômenos irrefutáveis envolvidas no exercício da sexualidade. Prazer porque há, no limite, uma promessa no erotismo e na busca de novas alternativas eróticas em transgredir as restrições impostas à sexualidade quando tomadas apenas como exercício de reprodução. (GREGORI, 2004, p. 4).

Esse movimento, chamado de *pro sex*, defende a decisão da mulher de participar e consumir pornografia. Um dos nomes mais famosos dessa corrente é Nina Hartley, ex-atriz pornô que afirma que algumas mulheres resolvem trabalhar nessa indústria por conta própria e que a experiência pode ser enriquecedora. A vertente "pro sex" segue o princípio "meu corpo, minhas regras" e luta para que todas as decisões tomadas por mulheres em relação aos seus próprios corpos devem ser respeitadas.

A autora e colunista canadense Wendy McElroy escreveu o livro *XXX: A Woman's Right to Pornography* e defendeu sua posição no artigo *A Feminist Defense of Pornography*: "a pornografia beneficia as mulheres, tanto pessoalmente quanto

politicamente⁸" (1995). McElroy, assim como outras feministas a favor desse tipo de entretenimento adulto, acredita que assistir pornô é benéfico porque aumenta a visão das possibilidades sexuais que existem no mundo. Ao ver determinados tipos de vídeo, as mulheres podem descobrir o que as excita ou não, ajudando a explorar a sua própria sexualidade. Nessa mesma linha, o consumo de pornografia permite que o público feminino satisfaça uma curiosidade sexual de modo seguro, sem ter que ir para o mundo real.

Pornografia quebra estereótipos culturais e políticos, para que cada mulher possa interpretar o sexo da sua própria maneira. Antifeministas falam para as mulheres terem vergonha de seus desejos. Pornografia diz para elas aceitarem e aproveitarem esses desejos. Pornografia pode ser uma boa terapia. Pornografia é um escape sexual para aqueles que - não importa a razão - não tem nenhum parceiro sexual⁹. (MCELROY, 1995, p. 5)

Para o movimento "pro sex", a pornografia é a liberdade de expressão aplicada à esfera sexual. A pornografia deveria ter proteção legal, que é importante especialmente para as mulheres, cuja sexualidade tem sido controlada através dos séculos. Em relação à crítica feita pelas feministas radicais sobre os abusos sofridos pelas atrizes, as feministas liberais defendem que essa bolha que envolve a indústria pornográfica só serve para propagar a violência contra o gênero feminino. A legalização da pornografia iria proteger as profissionais do sexo, que sempre foram estigmatizadas pela sociedade. McElroy cita a psicóloga Leonore Tiefer: "Trabalhadoras da indústria do sexo, assim como todas as mulheres, estão lutando por sobrevivência econômica e uma vida decente, e se o feminismo significa alguma coisa é irmandade e solidariedade com essas mulheres".

3.3 Por uma proposta de pornografia feminista

No meio dessa discussão entre as duas vertentes do feminismo sobre a pornografia, algumas feministas liberais resolveram ir além. Surge, então, a pornografia

⁸ No original em inglês "Pornography benefits women, both personally and politically". Tradução da autora.

⁹ No original em inglês "Pornography breaks cultural and political stereotypes, so that each woman can interpret sex for herself. Anti-feminists tell women to be ashamed of their appetites and urges. Pornography tells them to accept and enjoy them. Pornography can be good therapy. Pornography provides a sexual outlet for those who – for whatever reason – have no sexual partner". Tradução da autora.

feminista, com a proposta de criar, dentro dessa indústria, um segmento de filmes que colocariam a mulher como ser sexual, em vez de objeto sexual. A pornografia feminista se propõe a ser uma forma de oposição à chamada pornografia *mainstream*, que coloca a mulher sob a perspectiva da fantasia masculina.

Uma das características da pornografia feminista é que ela deve passar uma sensação diferente; nos vídeos, é preciso mostrar o que estimula a mulher, o que geralmente não é visto em produções *mainstream*. Assim, os vídeos que se enquadram no perfil de “pornografia feminista” se propõem a ir contra uma pornografia feita por e para o universo falocêntrico, com o qual muitas mulheres não se identificam, nem se sentem representadas. É uma crítica ao masculino como centro do universo, desestabilizando o falocêntrico histórico que foi instituído desde o início pela indústria pornográfica.

A pornografia feminista segue uma linha cujos filmes abordam a sexualidade feminina. São personagens ativas, capazes de dar e receber prazer, contrário dos vídeos *mainstream*, que mostram as mulheres apenas como objetos passivos, presentes ali apenas para dar prazer ao homem. Até mesmo quando o vídeo é sobre um casal de duas mulheres, elas estão ali para agradar o público masculino. Mas não é só o papel da mulher que é diferente, o do homem também passa por uma transformação. Assim como os papéis femininos, os homens assumem uma identidade mais aproximada do real, homens que também poderiam ter sido retirados do dia-a-dia. De modo geral, as mulheres não se sentem atraídas pelo físico que aparece em muitas produções *mainstream*, ou seja, homens exageradamente fortes, com um pênis muito maior do que a média, e com uma brutalidade excessiva. O que elas querem ver são homens que as respeitem, que param quando elas dizem “não” e que não as forcem a fazer nada que elas não querem.

Outro ponto a ser discutido é o que acontece atrás das câmeras. A ex-atriz de filmes adultos Shelby Lubben chocou o mundo ao lançar o livro *A Verdade Por Trás da Fantasia da Pornografia*. Na obra, ela discute sobre o glamour que as pessoas parecem achar que existe no mundo X-Rated, sendo que a realidade é muito diferente. No seu site, ela chegou a postar um vídeo em que atrizes eram forçadas a fazerem coisas que não queriam em sets na Califórnia. Na maioria dos filmes *mainstreams*, as atrizes são abusadas verbalmente e até fisicamente. São ameaçadas caso não queiram fazer uma cena e muitos produtores usam as drogas como suborno. Por isso, um dos pontos principais na pornografia feminista é se quem está atuando quer mesmo estar ali. No livro *A Woman's*

Guide to Good Porn, Erika Lust cita uma fala da diretora de filmes adultos e ativista feminina Audacia Ray:

“Para mim, fazer pornografia feminista não é sobre o que é mostrado na tela, e sim como é feita a produção. Os atores e atrizes querem estar lá? O diretor/produtor respeita suas necessidades e faz o pagamento apropriado? Ela foi enganada e fez coisas que não queria? São as perguntas para essas questões que determinam se o pornô é ou não feminista, se passa uma mensagem positiva do sexo, e se é ético, mais do que acontece na tela¹⁰” (RAY apud LUST 2009, p. 49)

A primeira diretora a se destacar na produção de filmes eróticos voltados para o público feminino foi Candida Royalle, que trabalhava como atriz na indústria pornográfica *mainstream* e se sentia insatisfeita com as produções nas quais trabalhava. Durante a década de 70, começou a procurar produtoras que aceitassem lançar os filmes que ela mesma queria fazer. Em 1984, Royalle lançou a *Femme Productions*, com o objetivo de colocar a voz feminina no mundo dos filmes eróticos e de mostrar a pornografia do ponto de vista das mulheres: “Eu me destaco ao criar filmes de alta qualidade, eróticos de um jeito mais sensual e realista, contando histórias reais ou que estejam em um contexto e isso reflete o que eu acho que as mulheres gostam de ver, assim como os homens.”

A agora diretora e produtora segue uma linha mais tradicional, fazendo filmes que mostram fetiches comuns do imaginário feminino. As cenas, clássicas em vídeos pornôs, são apresentadas de uma forma diferente: o ponto de vista é o da mulher, com ângulos que mostram o corpo do homem em primeiro plano – ao contrário dos vídeos *mainstream*, que muitas vezes só mostram os pênis, enquanto o corpo da mulher é visto por inteiro.

Candida revolucionou a indústria pornográfica ao mudar a relação entre homens e mulheres em seus filmes. As mulheres não são ingênuas, conseguem pensar por si mesmas e não aceitam homens que as maltratem ou exijam coisas que elas não querem fazer. O diálogo entre os personagens é bem elaborado, e o filme tem um enredo que faz sentido, e que não existe como desculpa para as cenas de sexo. O sexo oral masculino não dura muito tempo, e geralmente aparece como recompensa depois que o homem faz sexo oral na

¹⁰ No original em inglês “To me, making feminist porn is not about what is actually shown on screen and much more about what is happening on the production end of things. Does that performer want to be there? Is the director/producer respecting her needs and paying her appropriately? Did she get blindsided by requests for acts she doesn’t want to do? It is the answers to those questions what determines whether or not the porn is feminist, sex-positive, and ethical for me, more than what is happening on screen”. Tradução da autora.

mulher. Enfim, a cena não acaba assim que o homem atinge o orgasmo, e sim com beijos e promessas de amor. Em suas produções, Candida procura colocar todo o romantismo que sentia que faltava nesse tipo de filme.

As diretoras que se propõem a fazer uma pornografia feminista, acreditam que mulheres trabalhando na produção de filmes dessa indústria é o início de uma radical transformação no setor. O objetivo é representar mulheres como elas próprias e suas amigas, mulheres com sentimentos, com diferentes tipos de vida (casadas, solteiras, divorciadas), diferentes tipos de corpo e que querem explorar suas sexualidades independente do padrão de beleza ou orientação sexual. Para ajudar a questionar os papéis de gênero, institucionalizados pela sociedade patriarcal, é necessário colocar em filmes adultos mulheres que tem desejos próprios, que fazem o que fazem não para agradar os seus parceiros, mas para agradarem a si mesmas. Historicamente, as mulheres foram proibidas de sentirem por si próprias, ainda mais no campo sexual. Elas eram (e ainda são, muitas vezes) vistas ou como um meio para o homem chegar ao prazer ou como mães. Ou seja, para elas, o sexo ou era para agradar seus maridos ou para cumprir seus “destinos biológicos” de serem mães. Não era dado à mulher o direito de sentir desejo – situação que pode ser questionada a partir de uma perspectiva feminista da pornografia. Pode-se dizer que essa “proibição” é uma forma bem menos agressiva que a circuncisão feminina, prática comum na África e que é associada à purificação da mulher. O prazer feminino sempre foi considerado pecaminoso e até hoje a falta de desejo sexual pelas mulheres é considerada normal.

Esse tipo de atitude em busca de um empoderamento sexual – discussões sobre o direito feminino na indústria adulta, a questão do gênero e a luta por papéis mais ativos na produção – faz parte de uma vertente mais recente do feminismo, de um movimento conhecido como *Grrl Movements*, da década de 90. A atitude *DIY (Do It Yourself)* luta contra os estereótipos e estimula as mulheres a entrarem em universos predominantemente masculinos (além da indústria pornográfica, também estão incluídos o mundo do esporte e o das exatas).

Com o aumento de produções voltadas para o público feminino, criou-se, em 2006, o *Feminist Porn Awards*. A iniciativa partiu da sex shop canadense *Good For Her*, uma empresa que aluga e vende filmes pornográficos e comercializa produtos como brinquedos eróticos e fantasias sexuais. Aberta em 1997, os donos tinham uma pequena coleção de fitas disponíveis para os clientes, mas não se sentiam confortáveis com o tipo

de corpo, sexualidade e desejos representados nas produções adultas. Apesar de tentarem procurar outros filmes, só encontravam filmes que reproduziam estereótipos e ajudavam a reforçar uma mesma imagem sobre o sexo, colocando a mulher, muitas vezes, como inferior ao homem. Na virada do milênio, a tecnologia passou a ser mais acessível ao grande público (já não era tão caro ter uma filmadora, bem como os programas de editar vídeo passaram a se adequar ao grande público). O grande “boom” da internet ajudou produtoras independentes a venderem diretamente seus produtos para as lojas.

A partir de 2006, os donos da *Good For Her* passaram a notar diferenças no tipo de produto que estavam oferecendo aos seus clientes: novas pessoas estavam por trás e na frente das câmeras, produzindo um tipo de sexo que atraía cada vez mais consumidores. Negros, transexuais, travestis, gays, lésbicas, *queer*, todo o tipo de pessoa que até então havia sido colocado na margem da sociedade, estavam reivindicando o seu direito de aparecer nas produções eróticas – e o retorno dos clientes em relação à essa mudança era muito positivo. Foi quando uma antiga gerente da loja, Chanelle Gallant, sugeriu criar um evento que reconhecesse e celebrasse quem estava se propondo a fazer um novo tipo de pornografia. Gallant teve a ajuda de Lorraine Hewitt, que fazia críticas dos filmes para a loja, assim como outros membros da equipe. O evento foi chamado de *Vixens+Visionaries: Female Erotic Directors Revolutionizing Porn* e teve a presença de Candida Royalle, Tristan Taormino e outras pessoas da indústria. Uma mesa redonda discutiu o que era a pornografia feminista, houve a distribuição de prêmios, chamados de “The Emmas” em homenagem à Emma Goldman (1869-1940), considerada uma das fundadoras do anarcofeminismo, e a reprodução de alguns filmes da categoria. O evento foi um sucesso: todos os ingressos foram vendidos e o retorno foi extremamente positivo. O *Feminist Porn Award* passou a acontecer todos os anos e alcançou nível internacional.

O texto da instituição que organiza o evento convoca mulheres a se libertarem do preconceito em relação à sexualidade e exercerem seus direitos sexuais. Na página do evento, há uma frase da atriz pornô Annie Sprinkle que traduz bem a síntese da premiação: “A resposta para a pornografia não é o fim da pornografia.. é tentar fazer boa pornografia!” Aludindo ao livre arbítrio da sexualidade, há uma afirmação da pornografia como legítima quando representando devidamente todas as orientações sexuais, e um apelo por produções eróticas que se valham de uma “sensibilidade feminista”.

A premiação engloba várias categorias, entre elas Filme Heterossexual Mais Sexy, Cena ou Filme Trans Mais Quente, Elenco Mais Deliciosamente Diverso, entre outros.

Para uma produção concorrer ao prêmio, ela deve se enquadrar nos critérios pré-estabelecidos e disponíveis no site do evento. O mais importante é que é necessário o envolvimento de mulheres na produção, roteiro, direção, entre outros. Outros critérios são: qualidade (fatores como edição, trilha sonora e iluminação são levados em conta, assim como a atenção que o diretor prestou nos detalhes); inclusão, que é um dos fatores mais levados em conta. O evento estimula que as produções explorem sexualidades ignoradas pela indústria *mainstream*, a diversidade de atores e práticas como o BDSM (acrônimo para Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo – um grupo de padrões de comportamento sexual que tem o intuito de trazer prazer sexual da troca de poder que pode, ou não, envolver dor, submissão de diferentes tipos, tortura psicológica ou física, entre outros).

O site da premiação deixa claro que eles não apoiam filmes que reforçam estereótipos, principalmente os mais ofensivos. O objetivo é celebrar e destacar produções que atingem diferentes audiências. Clichês geralmente associados a produções *mainstream*, como babás pervertidas e enfermeiras dispostas a oferecerem um tratamento a mais, não estão presentes nos filmes indicados. Outro requisito é o que eles chamam de *it factor*: ou seja, filmes que mostram perspectivas até então não exploradas. Isso incluiu enredos novos, uma abordagem diferente dos personagens e questões técnicas, como enquadramento e edição. O júri leva em consideração produções que mostram algo novo, excitante, que faz as pessoas pensarem sobre a sexualidade de uma maneira diferente. Por fim, o último critério é aquilo que deveria estar presente em toda a pornografia: a sensualidade, como os atores interpretam seus papéis afim de convencer o público de que aquilo é real. Como resultado, as produções vencedoras tendem a mostrar verdadeiros orgasmos femininos (ou, pelo menos, mais convincentes do que os da indústria *mainstream*) e mulheres assumindo controle de suas fantasias sexuais – mesmo que tais fantasias incluam perder totalmente o controle.

A pornografia feminista é direcionada ao prazer e ao exercício da sexualidade como um fator de empoderamento para as mulheres. Uma vez que a pornografia é um fenômeno significativo da nossa sociedade e, engloba um grande número de consumidores, é necessário pensar que uma produção feminista tem o poder de reafirmar as identidades sexuais de grupos marginais, incluindo as mulheres. Ignorar o papel das mulheres nesse tipo de indústria é assumir que o prazer sexual é um privilégio de homens heterossexuais, e é ignorar também a influência desse tipo de conteúdo no nosso cotidiano

4 Erika Lust e a teoria feminista na prática

Erika Hallqvist nasceu em 1977 e foi criada em Malmö, uma cidade ao sul da Suécia. Ela diz que foi aos nove anos de idade que percebeu suas habilidades para a comunicação e artes. Na palestra "*It's time for porn to change*", ela contou sobre seu primeiro contato com a pornografia foi em uma festa de pijama com as amigas, quando elas resolveram pegar um filme que estava na caixa do pai de uma das garotas. A diretora contou que, ao contrário do que imaginavam, elas riram das cenas que viram e a fita voltou para o seu “esconderijo secreto”.

Essa experiência não abalou a curiosidade normal que todo adolescente tem em relação ao sexo. Quando foi para a universidade, tinha o objetivo de lutar pelos direitos humanos e, principalmente, ajudar a dar voz às mulheres. Na mesma época, ela teve contato com a pornografia pela segunda vez, depois que um namorado pediu para eles assistirem a um filme juntos. No TED, a produtora conta que, seis anos depois, nada tinha mudado, parecia que ela estava no quarto com as amigas dela: novamente estava assistindo a uma mulher loira, magra, com seios avantajados e lábios vermelho fazendo sexo oral em um homem que, ao atingir o prazer máximo, goza no rosto da parceira. O repulso pelas imagens assistidas dividiu espaço com uma certa curiosidade e prazer. Mesmo sendo sexo, o que a deixava excitada, alguma coisa naquelas cenas a deixavam incomodada, principalmente por não se ver representada; aquilo não era em nada parecido com seu estilo de vida, valores ou sexualidade.

Esse incômodo vinha do fato que a pornografia não mostrava o prazer feminino, uma vez que as mulheres só existiam para dar prazer aos homens. Erika Lust não se sentia confortável vendo as cenas que eram, na sua opinião, “ridículas” e “baseadas em fantasias masculinas”. Até mesmo os detalhes, como a trilha sonora, maquiagem e decoração do sets, a incomodavam.

Foi também na época de faculdade que Erika se aprofundou no trabalho de Linda Williams, principalmente no livro *Hardcore*. A então estudante de Ciências Políticas percebeu que a pornografia poderia ser muito mais do que cenas de sexo explícito. Havia um potencial inexplorado do assunto ser tratado como um discurso sobre sexualidade, sobre o masculino, o feminino, e os papéis impostos aos gêneros. Ela percebeu também que essa discussão não era trazida à tona porque não era do interesse daqueles que dominavam a indústria pornográfica.

Erika se mudou para Barcelona e aproveitou o momento para repensar sua carreira e decidiu mudar também o modo como iria mudar as coisas no mundo e na sociedade: "Eu troquei a política por um meio mais sutil, mas poderoso: a mídia". Ela passou então a estudar direção, produção e edição. Em 2004, ela assumiu um novo nome, Erika Lust, e o desafio de criar a sua própria produtora, a Lust Films, com o objetivo de dar para a indústria pornográfica uma "visão mais séria e feminista".

Nesse novo jeito de fazer filmes adultos, Erika Lust acredita que a participação feminina é essencial para transformar o mercado. Ao assumir novos papéis, dessa vez atrás das câmeras como diretoras e roteiristas, as mulheres passam a dizer como elas querem ser representadas. No seu livro "Good Porn", Lust tenta fazer com que suas leitoras repensem seus conceitos de pornografia e de sexualidade: "Eu acredito no potencial da pornografia para ajudar as mulheres a manter nossa revolução sexual caminhando. (...) E a pornografia pode ser um instrumento de educação e liberação para as mulheres que ainda lutam contra a vergonha, a culpa e a repressão sexual¹¹". (Lust, 2010, p. 36).

No mesmo livro, a diretora rechaça os produtos existentes no mercado pornográfico *mainstream*, considerando que todos possuem características semelhantes de direção e produção. Isso gera, automaticamente, uma representação muito semelhante do corpo feminino. Esse é um dos traçados da sociedade heteronormativa, apontada pela filósofa Judith Butler, onde um tipo é considerado o normal e controla os meios para produzir narrativas que reforcem a ideia dos seus pares "normais".

Mas o problema não é somente que a indústria pornográfica é controlada por homens. É o tipo de homens que eles são! Para ser específica, esses homens são ultrapassados, antifeministas, anti-intelectuais, e ignorantes. Existem exceções, obviamente, mas a maioria desses homens são muito burros. E eles são todos praticamente iguais. (...) São, em sua maioria, homens de meia idade, héteros, brancos, e o gosto deles para mulheres é peitudas, excitadas, loiras e burras. É simplesmente óbvio que esse grupo homogêneo cria um produto homogêneo¹² (LUST, 2010, pág. 20)

¹¹ No original em inglês "I believe in porn's potential to help women keep our sexual revolution going (..) And porn can be an instrument of education and liberation for women who are still struggling with shame, guilty and sexual repression". Tradução da autora.

¹² No original em inglês "But the problem is not just that porn industry is controlled by men. It's the kind of men they are! To be specific, these men are unhip, anti-feminist, anti-intellectual, and unenlightened. There are exceptions, obviously, but most men are pretty simple-minded. And they're all pretty much alike! (...) They're mostly middle-aged straight white guys, and their taste in women runs to big-breasted horny blonde airheads. It just stands to reason that a homogeneous group is going to create a homogeneous product". Tradução da autora.

Outro ponto criticado pela diretora e cientista política é a previsibilidade dos enredos, que demonstram a falta de criatividade daqueles que dominam a indústria *mainstream*. De acordo com Lust, as mulheres querem muito mais do que um pornô previsível, que fogem do clichê de “sexo anal e ejaculação”. Na mesma obra, Lust aponta as principais características encontradas em filmes pornográficos feitos por homens: as mulheres estão sempre de salto alto; os homens nunca sofrem de problemas de ereção; o sexo oral feminino nunca é ênfase – enquanto as cenas que mostram uma mulher fazendo oral no homem podem durar mais do que cinco minutos, o contrário dura, no máximo, um minuto; mulheres jovens e bonitas parecem sempre estarem dispostas a fazer sexo com homens acima do peso e velhos; o homem e a mulher sempre alcançam o orgasmo juntos; um boquete pode livrar a mulher de qualquer coisa – desde uma multa até uma dívida com a pizzeria (colocando a sexualidade feminina como moeda de troca); dupla penetração é uma fantasia comum e que não requer maior cuidado por parte dos parceiros; todas as mulheres têm grandes seios e não existem pênis pequenos.

Outros clichês encontrados na pornografia *mainstream* incluem o fato que toda mulher gosta de levar tapas e nunca reclamam se eles são dados no rosto; a hipersexualização de profissões como enfermeiras e professoras; a ideia que, se uma mulher encontra seu namorado/marido na cama com outra, a reação mais natural não é ficar com raiva, e sim se juntar aos dois e tornar aquilo em um sexo a três; a mulher nunca recusa sexo, nem fica menstruada ou tem pelos pubianos; e mesmo quando a mulher está sendo estuprada, ela berra “sim, mais” (o que passa a ideia de que toda mulher quer sofrer algum tipo de abuso sexual).

Se as mulheres não assumirem posições de criação no discurso pornográfico, então a pornografia não irá expressar nada a não ser o que os homens pensam em relação ao sexo. Nós devemos assumir essas posições para explicar como nós somos, como é a nossa sexualidade, e como nós experimentamos o sexo. Se nós deixarmos os homens continuarem fazendo isso, a pornografia continuará nos representando a partir das fantasias masculinas: como vadias, lolitas, ninfomaníacas e outros estereótipos já mencionados¹³” (LUST, 2010, p. 49).

¹³ No original em inglês “If women don’t take a role as creators of pornography’s discourses, then porn won’t express anything but what men think about sex. We should take part in order to explain what we’re like, what our sexuality is like, and what our experience of sex is like. If we leave it all to men, porn will keep representing us the way we’re seen in male fantasy – as whores, Lolitas, nymphomaniacs, and all the other stereotypes we’ve already mentioned”. Tradução da autora.

No entanto, um dos pontos mais abordados por Lust nas discussões sobre a pornografia é como o gênero influencia na vida das pessoas. Segundo ela, é ingenuidade pensar que a pornografia tem seu poder restringido à masturbação ou que não existe relevância quando a maior parte da população consome (seja por vídeos ou por outras formas) esse tipo de conteúdo. A pornografia está inserida na sociedade assim como os filmes e as músicas e não ter uma discussão aberta sobre o assunto representa um atraso social que impacta diretamente na vida das pessoas.

Na época vitoriana, as classes mais altas (e, conseqüentemente, dominantes) achavam necessário proteger mulheres, crianças e membros das classes inferiores de imagens sexualmente explícitas - há séculos que a sociedade escolhe ignorar a pornografia, considerando que ela deve ser mantida escondida e sem interferir nos aspectos do dia-a-dia. Lust encara a pornografia como um modo de falar sobre sexo - posição defendida pelo grupo pro-sex de modo geral - principalmente em um mundo cuja educação sexual é falha, cercada de tabus e de uma "demonização" do sexo.

4.1 Iniciação na era digital

Na era digital, o primeiro contato dos jovens com o sexo é através da pornografia, na idade entre 12 e 15 anos. De acordo com a TIC Kids Online Brasil 2013¹⁴, pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil, 29% dos entrevistados com idades entre 11 e 17 anos foram expostos a conteúdos de cunho pornográfico ou erótico (vídeos ou imagens de sexo). Entre aqueles que entraram em contato com algum tipo de conteúdo sexual, seja on-line ou off-line, quase metade (48%) o fez na Internet. Já a ONG Safenet, que há oito anos tem um serviço de denúncias online, aponta que foram registrados 224 casos de *sexting* (prática que envolve a troca de mensagens, fotos e/ou vídeos de conteúdo erótico e pornográfico) - um aumento de 120% em relação a 2013, quando foram registrados 101 casos. Em 2012, a instituição criou um serviço de ajuda em tempo real, onde vítimas da exposição podem conversar e explicar o que aconteceu através de um chat. Em entrevista ao site Empresa de Comunicação Brasileira (EBC), a psicóloga e coordenadora do canal de ajuda da ONG, Juliana Cunha, apontou que a maioria das pessoas que pedem ajuda são mulheres: em 2014, elas corresponderam a 81% das pessoas que entraram no chat. A especialista apontou que os jovens estão mais expostos a esse tipo

¹⁴ Retirado de <http://cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2013/> Acesso em 1/11/2015

de problema porque vivenciam suas primeiras experiências sexuais: muitos namoram pela internet e usam as novas tecnologias para trocar fotos, mensagens e vídeos - alguns de conteúdo íntimo.

O mundo on-line, acessível em tablets e smartphones, longe dos responsáveis, é inundado de filmes de conteúdo explícito que, em sua maioria, reforça estereótipos do sexo. As performances espetacularizadas acabam se tornando, muitas vezes, a referência principal de quem está começando da vida sexual: a objetificação da mulher, a supremacia do contato genital sobre as trocas afetivas e o raro uso da camisinha passam a ser o esperado pelos jovens na hora do sexo. Isso acabou por formar uma geração que crescerá acreditando que aquilo que se vê nos vídeos pornográficos é a forma como se deve fazer sexo. Isso é agravado pelos programas de educação sexual, que são precários, e pela dificuldade com que os pais têm de falar sobre esse assunto com os filhos.

Um filme que trata bem essa temática da Internet, sexo e a influência que um tem no outro é o *Homens, Mulheres e Filhos* (2014). Nos primeiros minutos da obra, aparece a sonda Voyager, lançada em 1997. Logo depois, uma narração aparece descrevendo sua história e anuncia que, no momento em que a sonda deixava o Sistema Solar, algo acontecia no planeta Terra. A partir desse momento, o público conhece os personagens do longa. O diretor do longa, Jason Reitman, aposta na missão da Voyager para dar um pontapé inicial na sua observação da influência da tecnologia na vida dos personagens. A tese, apresentada por Don Truby (Adam Sandler) e que aparentemente é compartilhada pelo resto do elenco: “o cérebro é [apenas] um substituto inferior da internet”.

Don, um pai de família, vive uma crise sexual com sua esposa Rachel Truby (Rosemarie DeWitt) e procura prazer na internet - mesmo local que seu filho, Chris, procura por vídeos em que mulheres dão ordens aos homens sobre como eles devem se masturbar. Na hora da trama em que Chris vai ter relações sexuais com uma colega de escola (Hannah Clint, interpretada por Olivia Crocicchia), ele não consegue ficar excitado porque a realidade não corresponde com os vídeos que ele via diariamente no computador.

Essa cultura do sexo pornográfico afeta diretamente as mulheres. O coordenador do mestrado em Educação Sexual e do Nusex (Núcleo de Estudos da Sexualidade) da Unesp, Paulo Rennes Marçal Ribeiro, aponta que o acesso fácil à pornografia pode levar os adolescentes a terem uma visão preconceituosa do sexo, incentivando ou condicionando a manutenção de estereótipos sexistas, machistas e discriminatórios. Nos roteiros da pornografia *mainstream*, a mulher aparece quase sempre como uma máquina do sexo à

disposição do homem e a atividade sexual é direcionada ao prazer individual (geralmente masculino). Isso é fruto da educação machista da maioria dos países.

Ou seja, a pornografia não deve ser colocada em uma caixa longe dos outros aspectos da sociedade - deve ser integrada, discutida abertamente. A ideia de Lust é, justamente, usar a pornografia como um modo de educar corretamente os jovens em relação ao sexo. Ao trazer para a produção pornográfica uma performance que se assemelha à realidade, isso ajuda na percepção do sexo sem os estereótipos que são reforçados na pornografia *mainstream*. Ao trazer um ato sexual mais humano, a pornografia feminista permite que a sexualidade da mulher seja explorada, afetando o modo como os espectadores veem o corpo feminino. Esse aspecto é abordado no próximo tópico, em uma análise de um dos filmes dirigidos por Lust.

4.2 Five Hot Stories For Her: o pensamento feminista na prática pornográfica

As produções de Lust foram pensadas para que as mulheres pudessem se sentir representadas. Para pensar o lugar criado para a espectadora, será utilizado o conceito de modo de endereçamento, apresentado pela autora norte-americana Elizabeth Ellsworth (2011). Esse conceito revigora o lugar da produção ao deixar de lado o pressuposto de que as mensagens sempre estão de acordo com os interesses da ideologia dominante. A partir de então, deve-se compreender que quem produz o faz em diálogo com a cultura, com uma audiência prevista e esse fato influencia nas escolhas que o produtor empreende.

A análise do filme leva a pensamentos distintos sobre modos de endereçamento. É importante levar em consideração a já mencionada formação de Erika em Ciências Políticas, o que sugere a presença de um discurso que visa debater o papel da mulher nas esferas pública e privada. Já no título, pode-se perceber a proposta da diretora em direcionar o filme para elas, que, não somente o público-alvo, mas também são as protagonistas e contadoras das histórias. A compilação dos curtas é dirigida a mulheres que podem se identificar com as situações mostradas na tela.

O filme *Five Hot Stories for Her* (“Cinco histórias quentes para elas”) foi lançado em 2007, e foi a primeira produção da Lust Films, co-produzida com a Thagson Women, uma companhia espanhola de filmes pornográficos. O longa metragem é a compilação de cinco curtas, independentes uns dos outros. Quando se aventurou nesse gênero, Erika Lust

tinha o objetivo de fazer filmes que mulheres como ela gostariam de ver, mas que não encontravam em lugar nenhum.

Filmes de sexo explícito para mulheres, casais ou homens que querem mais do que *takes* mal feitos; um filme para quem tem senso de humor, um pornô elegante, com estilo e respeito com as personagens femininas¹⁵. (LUST, 2010, p. 178).

FHSFH conquistou o prêmio de Melhor Filme no Festival de Cine Erótico (Barcelona, 2007), Melhor Filme para Mulheres no Erotic E-line Awards (Berlim, 2007), Melhor Filme do Ano no Feminist Porn Awards (Toronto, 2008) e recebeu menção honrosa no CineKik Festival (Nova Iorque, 2008).

Um dos aspectos presentes na obra é o apreço pela imagem e uma narrativa bem estruturada - essa “união” não existe nos títulos tradicionais, que não se preocupam muito com a fotografia e, quando criam histórias, só as utilizam como desculpa para que aconteça o ato sexual. É claro que existe o ato sexual explícito no FHSFH, mas ele é percebido como uma continuação do enredo criado. Ou seja, o público percebe que o sexo faz parte da história, que ele tem um motivo para estar ali, naquele momento – a performance sexual não surge do nada, sem razão.

Como parte da construção do enredo, Lust se apropria de elementos cinematográficos, tal como o melodrama. Ao abrir espaço para que questões como conflitos amorosos e questões conjugais sejam discutidas, a diretora possibilita “a apresentação de uma realidade que permite a construção de um discurso criativo e o exercício da subjetividade” (Fernandes et al, pág. 9). Essa interação entre a pornografia e o melodrama chega também na parte fotográfica. Diferente dos filmes *mainstream*, a fotografia do filme em questão trabalha com um jogo de luzes e sombras que torna algumas cenas esteticamente mais bonitas. Além disso, quase não são utilizados *close-ups* nas genitálias e o enquadramento do sexo oral e penetração não são os destaques, mas sim o prazer em si. A preocupação com os detalhes também é percebida no figurino dos atores e atrizes. Elas se preocupam com a aparência, usando lingerie de bom gosto e maquiagens mais suaves. Os cenários vão além de um sofá ou uma cama com poucos detalhes para caracterizar o local em que a cena está acontecendo.

¹⁵ No original em inglês “A sexually explicit film for women, couples, or men who wanted more from porn than a succession of medical shots, a film for people who wanted porn that had a sense of humor, porn with elegance, style, and respect for female characters”. Tradução da autora.

O primeiro curta, *Something About Nadia* (“Algo sobre Nadia”), conta a história de Nadia, uma lésbica misteriosa e muito atraente, que gosta de brincar com os sentimentos de outras mulheres. O público é apresentado a algumas dessas “vítimas”, que contam como conheceram Nadia e o efeito que ela causou. É interessante notar que, nesse curta, apenas a protagonista tem nome – as outras mulheres representariam as várias “vítimas” que caíram no encanto de Nadia. Cada uma delas “conversa” com o público através de voz-off, junto com imagens que explicitam sentimentos e evidenciam seus pensamentos.

Nos primeiros minutos, Nadia é apresentada por meio da lembrança que uma das personagens, uma oriental, tem dela: em uma praia de Barcelona, fumando seu cigarro e olhando para o mar. Pouco tempo depois, as duas se encontram em um dos banheiros perto da praia e Nadia, antes de entrar em uma das cabines, olha para a mulher como quem faz um convite. Quando a oriental volta a aparecer, ela está se masturbando, com um jogo de sombra e luz, que dá um diferencial estético na cena, que é intercalada com uma de Nadia se masturbando e dançando sensualmente, em preto e branco – recurso que Lust usa para demonstrar que essa cena é fantasia da mulher. As duas cenas se misturam ao som de um rock que o espectador percebe que não foi escolhido por acaso, já que a música casa com os movimentos das atrizes. Interessante notar as escolhas de Lust: enquanto na pornografia *mainstream*, o foco da cena seria o clitóris sendo estimulado, com close-ups para que o espectador não tenha para onde olhar a não ser para a genitália. No entanto, a diretora preferiu focar no corpo da mulher e, principalmente, nas suas expressões de prazer.

Quando acontece o ato sexual entre Nadia e uma das mulheres, o público já conhece a protagonista e um pouco das outras personagens que se envolvem com ela. Isso é pouco comum nos enredos *mainstream*, que costumam ser superficiais, e até mesmo bobos, que servem apenas como desculpas para que ocorra o sexo. Nas tramas de Lust, percebemos o desejo sexual crescendo até que o sexo seja naturalmente o próximo passo – ele é esperado pela construção do enredo, e não simplesmente por se tratar de um filme pornográfico. Na própria cena, o ato sexual não acontece de cara; as duas personagens se envolvem em um jogo de flerte e sedução durante o jantar, e a voz em off da mulher contribui para aumentar a expectativa do que virá a seguir.

Quando duas mulheres fazem sexo nos títulos populares, geralmente pouca atenção é dada ao corpo feminino como um todo; o foco vai todo para o estímulo das genitálias e, em grande parte dos casos, são utilizados vibradores para complementar a

penetração. Em *Something About Nadia* esse e outros “erros” apontados em filmes pornográficos lésbicos são desmentidos; as personagens não partem “direto para a ação”, são trocados muito beijos na boca e em outras partes do corpo antes de chegarem às genitálias. Existe o uso de vibradores, mas não para a penetração, e sim para o estímulo do clitóris (parte fundamental do corpo feminino na hora de atingir o orgasmo, mas que costuma ser ignorada nos filmes *mainstream*). Percebe-se, então, a preocupação de Lust em mostrar como funciona o processo de excitação de uma mulher – ao contrário dos títulos *mainstream*, que dão a entender que em alguns segundos a mulher já está pronta.

Existem outras duas personagens em *Something About Nadia*, e as cenas das três são intercaladas. Lust usou essas outras duas mulheres para mostrar o efeito da protagonista. Uma delas, hétero, disse que nunca sentiu atração pelo mesmo sexo, mas acabou gastando mais de 1.500 euros na sex-shop que Nadia trabalhava só para continuar vendo-a. A outra, lésbica, pegava o mesmo metrô que Nadia e, quando a protagonista não chegava na hora, a personagem esperava para que as duas pudessem fazer a viagem juntas. Em uma das cenas, essa personagem fantasia com Nadia fazendo pole dance para ela no metrô, apenas de calcinha e salto alto.

FuckYouCarlos.com (“FodaseoCarlos.com”) é o segundo curta, que conta a história de Sonia. Depois de descobrir que foi traída pelo seu marido, um jogador de futebol chamado Carlos, Sonia resolve se vingar. Sonia é uma mulher moderna que vive em Barcelona, que gosta de fazer compras e de estar sempre na moda, e o público percebe isso pelas cenas que a mostram andando pelas ruas com sacolas de compra na mão; ou seja, é uma personagem que tem personalidade, que não surge apenas quando descobre a traição. Ao chegar em casa, Sonia pega Carlos na cama com outra mulher, e, contrariando um dos maiores clichês do entretenimento adulto, ela não resolve se juntar aos dois para fazer um ménage, nem mesmo quando Carlos apresenta a Karina como um “presente” para os dois. Sonia fica brava, os dois discutem e o público descobre que não é a primeira vez que Carlos faz algo do gênero.

Para se vingar, Sônia convida alguns amigos para uma “festa” na casa deles, com a desculpa que seu marido está viajando. De noite, a festa reúne várias pessoas, entre elas, amigos de Carlos, que jogam no mesmo time de futebol que ele. Pouco tempo depois, Sônia aparece falando para uma câmera como se se dirigisse a Carlos, dizendo que essa era uma forma de “retribuir o presente”. Na cena seguinte, os dois jogadores de futebol estão deitados na mesma cama em que Sônia pegou seu marido com outra mulher. Dessa vez, a

protagonista está no controle da situação (diferente do pornô *mainstream* que, quando a mulher faz sexo com dois homens, ela geralmente é submissa aos prazeres masculinos): Sônia tira a roupa deles, e dá ordens na hora de tirar foto dos dois juntos. Os dois homens se juntam para dar prazer à mulher, e não o contrário.

Se em *Something About Nadia* quase não apareciam as genitais, em *FuckYouCarlos.com*, Lust dá enfoque nessa parte do corpo, tanto da Sônia quanto dos homens. Essa escolha pode ser pela diferença nas tramas: na primeira, era um sexo mais sensual, já que a atração das duas já existia a um tempo; no segundo curta, é algo mais “selvagem”, que quer ser explícito para causar reação em Carlos, já que todo o ato é filmado e fotografado. O curta acaba com Carlos vendo, na televisão, a notícia que sua mulher criou um site para publicar os vídeos e as fotos, como uma resposta à traição que sofreu.

Married With Children (“Casado com crianças”) é o curta que mais foge à regra do resto do longa metragem, ao tratar de um casal, Frank e Rita, que aparentemente vivem o tedioso dia-a-dia de um casal que já não tem mais desejo um pelo outro. A rotina, que inclui criar os filhos pequenos, arrumar a casa e trabalhar, afetou o desejo, mesmo que Frank tente, ao longo do dia, reacender essa chama. Ao colocar Rita fazendo o trabalho doméstico e seu marido tentando fazer sexo com ela, Lust faz uma crítica ao fato que os homens não ajudam nas tarefas de casa, deixando o trabalho para as mulheres e, mesmo assim, querem que elas sintam desejo sexual no fim do dia.

Porém, o público começa a mudar de ideia em relação à vida sexual do casal quando Rita aparece se vestindo com peças sensuais (meia calça, espartilho, salto alto) em um quarto de hotel, depois de deixar as crianças com uma amiga. Assim como em outros títulos, Lust gosta de mostrar cenas em que as protagonistas estão se arrumando, como se esse ritual fizesse parte do momento de sedução, mesmo quando elas estão sozinhas – como se fosse uma preparação, um momento em que as mulheres dedicam a si mesmas antes de estarem com seus parceiros. Essa ideia é reforçada com a música de fundo: enquanto Rita se veste, uma melodia sensual toca, como se aquele momento já fizesse parte do ato em si. Quando a protagonista coloca uma coleira de couro em volta do seu pescoço, é um dos recursos que Lust utiliza para, mais uma vez, criar expectativa no público, que já começa a ter noção do que vai acontecer em seguida. Essa atuação diferenciada não é limitada à performance sexual, mas representa a naturalidade do tratamento do sexo nessas cenas.

Quando Frank chega ao hotel, os espectadores só sabem que é ele pela cenas anteriores, já que ele está usando uma máscara. Isso é para mostrar que, a partir daquele momento, já não é mais a relação entre Frank e Rita como um casal que tem trabalho, filhos e uma casa para cuidar – e sim uma relação entre um amo e sua submissa. Os dois não se chamam pelo nome, mantendo um distanciamento que condiz com a situação. O sexo é feito com esse distanciamento, que só é quebrado no fim do curta, quando Frank tira sua máscara, simbolizando o fim da atuação sadomasoquista.

Já em *The Good Girl*, Lust brinca com uma das fantasias masculinas mais presentes nos enredos *mainstream*: o entregador de pizza. Geralmente, ele chega com a pizza na casa da mulher, que diz que não tem dinheiro para pagar. Quando o entregador fica bravo, a mulher resolve relaxá-lo com sexo oral, os dois transam e ele volta feliz para o trabalho. Lust aponta que, nesse tipo de enredo, a mulher serve como moeda de troca, usando seu corpo para evitar cobranças e sair das mais diversas situações.

Na hora de filmar *The Good Girl*, a diretora contou esse fetiche do ponto de vista feminino. A protagonista é uma mulher que se sente incomodada por não conseguir fazer sexo casual. Falando diretamente com a câmera (estabelecendo contato direto com os espectadores), a protagonista confessa que gostaria de ser como sua amiga Julie, que tem “todo tipo de aventura sexual”. Ela cita os filmes pornográficos que envolvem entregadores de pizza, histórias em que as mulheres atendem a porta de toalha, porque acabara de sair do banho, e os dois fazem sexo por todos os cômodos da casa.

A descrição dessa cena acaba acontecendo com a própria personagem momentos depois. Ela pede uma pizza e vai tomar banho enquanto espera. Quando o entregador chega, ela se enrola em uma toalha e vai atender a porta. Ela convida o homem para entrar enquanto pega dinheiro na bolsa. A toalha cai, deixando um seio a mostra, e ela logo cobre envergonhada, demonstrando a relação que tem com o próprio corpo. Ela entrega o dinheiro e ele vai embora, mas volta porque esqueceu sua mochila. A protagonista, então, aproveita a chance para colocar em prática sua fantasia sexual, libertando-se, pelo menos em parte, da sua insegurança. Mesmo assim, quando eles começam a fazer sexo, ela tenta desligar o abajur, mas é impedida pelo entregador. Ao longo do ato, ela fica mais à vontade com seu corpo e sua sexualidade.

Lust colocou a mulher como centro de uma das maiores fantasias masculinas, não como um objeto usado para que o homem alcance o prazer. A protagonista é dona de suas próprias vontades, agente ativo das ações. Até mesmo quando o homem ejacula no rosto

dela (o “grande finale” da pornografia industrial), é porque ela quis – e isso só aconteceu depois que ela própria teve seu orgasmo. No final, ela paga a pizza e come com o entregador.

O público percebe que o último curta terá algo diferente pelo modo como ele é apresentado. *Breakup Sex* (“Sexo de término”) é a única das histórias em preto e branco e fala sobre o fenômeno do título: o sexo no fim de uma relação, quando os parceiros não querem aceitar que o relacionamento está acabando, então tentam compensar isso na hora do ato sexual. O namoro em crise é entre dois homens, o que mostra que Lust está atenta sobre o que seu público-alvo quer ver, uma vez que pesquisas apontam que as mulheres procuram mais sobre pornografia gay do que os próprios homens, que são protagonistas e alvos desse subgênero. Mesmo com esses dados públicos, sites que têm categorias voltadas para as mulheres não colocam esse tipo de filme como sugestão para o público feminino. A diretora conta que, quando decidiu incluir um casal gay em um de seus curtas, os homens héteros que costumavam assistir suas produções ficaram indignados:

Os homens não se importam nem um pouco em ficar excitados com uma cena lésbica, mas ficam revoltados quando nós queremos ver sexo entre dois homens¹⁶. (LUST, 2010, p. 41)

O curta já começa com os dois brigando sobre o jantar, explicitando o desgaste da relação, que piorou depois de uma traição. Quando a briga já está no seu ápice, os dois começam a transar. Antes da penetração, Lust focou no momento em que um dos protagonistas coloca a camisinha, detalhe que muitas vezes é esquecido na maior parte dos títulos, como uma forma de mostrar a importância de se proteger, mesmo quando o sexo é com um parceiro fixo. No fim, os dois dormem de conchinha, e o espectador crê que tudo ficou bem entre os dois, mas o que traiu se levanta, arruma suas coisas e vai embora, deixando apenas um bilhete. Mais uma vez, a história não termina na mesma hora que o sexo, característica de todos os curtas do filme. Por usar recursos do melodrama, Lust finaliza suas produções com o desenrolar da história, seja um término ou um casal falando sobre sua vida depois de praticar sexo sadomasoquista em um quarto de hotel. Essa escolha reflete no desejo de mostrar que aquelas histórias vão além do ato sexual, se aproximando da realidade dos espectadores.

¹⁶ No original em inglês “It doesn’t bother men at all to be turned on by a lesbian sex scene, but they totally lost it when we want to see sex between two men”. Tradução da autora.

5 Conclusão

Após pesquisar a história da pornografia e analisar o contexto em que está inserida, e depois de diferenciar seu conceito do erotismo, foi traçado um perfil sobre o que as mulheres procuram quando entram em sites adultos. Na sua maioria, elas querem ver sexo entre casais do mesmo sexo e sexo oral feminino, o que já ajuda no processo de entender o prazer feminino e como ele é buscado pelas mulheres. Depois, foi cumprido o objetivo da pesquisa ao expor as diferentes visões que o feminismo tem em relação a pornografia. Ao apresentar a pornografia feminista, foram discutidas suas principais características e as diferenças entre essa nova proposta e a pornografia convencional. Por fim, Erika Lust surge como estudo de caso, mostrando como essa teoria pornográfica é aplicada na prática, com uma análise do seu filme *Five Hot Stories For Her*.

Foi possível perceber que a pornografia tradicional contribui para que as mulheres sejam tratadas como objetos sexuais pelos homens - até mesmo as relações lésbicas retratadas são pensadas para o prazer masculino. Além disso, o próprio *fazer* pornográfico é uma forma de oprimir as atrizes, que não têm sindicatos e muitas vezes praticam na tela atos que não queriam, mas foram obrigadas por atos de agressão física ou verbal.

Por isso, a pornografia feminista vem como uma forma de pegar a sexualidade feminina e devolver para as mulheres, tanto as que assistem quanto as que fazem filmes pornôs. Não é possível prever se as discussões entre as feministas “pro-sex” e “anti-sex” irão acabar nos próximos anos, ou que um dos lados irá ganhar. Mesmo que os grandes sites parem de disponibilizar os vídeos, muitas pessoas têm esse material no computador, o que permitiria uma rede de trocas de pornografia na *deep web*, ou seja, sites que não foram adicionados em nenhum mecanismo de busca. Caso a pornografia como a conhecemos se torne ilegal, é bem provável que surja um “mercado negro pornográfico”, o que vai dificultar ainda mais uma fiscalização e as atrizes vão ficar totalmente nas mãos das produtoras, em situação de risco semelhante à das prostitutas, que, por não ter amparo legal, são dependentes dos seus cafetões.

A proposta desse trabalho é justamente apontar que a pornografia não deve acabar, mas sim mudar seu modo de produção. Para isso, é necessário que mais mulheres assumam lugares atrás das câmeras, como roteiristas e diretoras. Assim, o desejo feminino será retratado com mais fidelidade, e o corpo da mulher não será tratado como um objeto ali presente para apenas dar prazer ao homem. As mulheres podem se dedicar ao prazer masculino, mas porque elas querem, e não porque é o “papel” delas, como muitas vezes

elas são levadas a acreditar. A pornografia feminista chegou para mudar não só o pensamento sobre o sexo, mas para refletir sobre o relacionamento entre homens e mulheres, seus papéis sociais e para fazer críticas ao que a sociedade acha correto.

Esse novo modelo de fazer pornografia seria benéfico não só para as mulheres, mas para os adolescentes que usam a internet para ter seus primeiros contatos com o sexo. As imagens mostradas na pornografia *mainstream* dão uma falsa impressão sobre o ato sexual, reduzido apenas à penetração e a violência contra a mulher. Uma visão mais humanizada do sexo, proposta pela pornografia feminista, ajudaria na relação que os adolescentes têm com o sexo e com o próprio corpo, que não é retratada na pornografia convencional.

No meio dessa discussão sobre a importância da pornografia, Erika Lust faz seu caminho como uma das mais importantes e conceituadas diretoras de pornografia feminista. A diretora sueca vira o jogo ao colocar a mulher como centro das histórias, mesmo em fantasias predominantemente masculinas, e reflete sobre a atenção dada ao prazer feminino. Mesmo com os grandes avanços dessa diretora em relação aos títulos *mainstream*, é necessário fazer algumas ressalvas sobre sua obra.

Lust propõe que seus filmes sejam uma saída para os “velhos roteiros” da pornografia atual, usando a bandeira do feminismo para fortalecer sua luta contra os estereótipos femininos encontrados nos títulos populares. O intuito da diretora é bem claro, principalmente depois de uma leitura do seu livro *A Woman’s Guide to Good Porn*: falar sobre sexualidade de um modo educativo, sensual e sexual, para incentivar o público feminino a gostar de si mesmo e usar sua liberdade. Embora haja uma “abertura” para que os homens assistam a esses filmes e tenham acesso a essa “nova” representação do sexo, fica explícito que eles não são o público-alvo: os títulos querem dialogar com as mulheres, educá-las com um novo tipo de olhar, para que elas aprendam a viver sua sexualidade e apreciar o sexo como forma de prazer, dentro do universo pornográfico.

Nesse ponto, Lust constrói sua fala para se direcionar às mulheres “modernas”. Suas personagens são empresárias, executivas, mães, independentes – nunca “Lolitas”, prostitutas ou ninfetas, tipos que, segundo a diretora, são as únicas retratações femininas na pornografia voltada para os homens. Interessante notar que as “prostitutas” são sempre enquadradas no estereótipo negativo, afastadas das “mulheres modernas” que, essas sim, devem ser valorizadas.

A partir desse ponto, a narrativa de Lust se insere dentro da modernidade sexualizada, que exclui quem não se sente confortável fazendo sexo casual – no curta *The Good Girl*, por exemplo, a protagonista se sente incomodada por não ser como sua amiga Julie, que tem diversas aventuras sexuais. Só depois que a personagem faz sexo com o entregador de pizza que ela se “liberta”, como se houvesse algo a prendendo e isso fosse ruim, e não parte da sua personalidade. Nesse caso, há a crítica que Lust encara as mulheres “modernas” como pessoas que tem a vida sexual ativa, o que não é o caso. Existem mulheres que são donas de si mesmas, tem plena consciência da sua sexualidade, mas preferem, por razões próprias, não ter uma vida sexual tão ativa – o que não as torna menos “modernas”, apenas exercem sua modernidade de um modo diferente do que o proposto pela diretora.

Enfim, outra crítica que se pode fazer à obra de Erika Lust é que ela direciona suas produções para uma determinada classe social: brancos, na faixa dos 30 anos, com uma renda estável. Essa escolha pode ser percebida nos detalhes: as mobílias e decoração sugerem classe média e alta, com alto nível de renda e gasto. Os atores e atrizes também seguem um padrão: não existe um negro ou negra entre os protagonistas, são todos brancos e jovens – com profissões “elitizadas”, que não parecem sofrer com dificuldades financeiras. As mulheres, apesar de não seguirem o padrão visto na pornografia convencional, são sempre magras, de cabelo liso e com poucos (ou nulos) pelos pubianos.

Mesmo com essas críticas, Erika Lust se propõe a fazer algo até então raro de se encontrar. É claro que, em questões de representatividade, ainda há um longo caminho pela frente, que só será construído quando pessoas de outras minorias (LGBTs, negros, etc.) assumirem papéis importantes na produção do universo pornográfico. Até lá, a pornografia feminista vai assumindo um papel importante na discussão de gênero, na representatividade feminina e em como a mulher pode vivenciar sua sexualidade sendo livre para fazê-lo por livre e espontânea vontade.

6 Glossário

- Big Black Cock** “Grande pau negro”, referente ao sexo com homens negros.
- Big Dick** “Pau grande”.
- Black** “Preto”, referente aos vídeos com atores negros.
- Bondage** Tipo específico de fetiche, geralmente relacionado ao sadomasoquismo, onde a principal fonte de prazer consiste em amarrar ou imobilizar o parceiro ou a pessoa envolvida. Pode ou não envolver o sexo com penetração.
- Cartoon** “Desenho”. Sexo feito entre desenhos animados, geralmente entre personagens de famosas séries, como *The Family Guy* e *Os Simpsons*.
- Daddy** “Papai”. Costuma se referir à categoria onde uma mulher jovem faz sexo com um homem mais velho.
- Eating pussy** “Comer buceta”, porém no sentido de sexo oral, e não de penetração.
- Ebony** Definição de tom de pele mais escuro. A palavra deriva de uma madeira escura, nativa do sul da Índia e do Sri Lanka.
- Ebony lesbians** Referente aos vídeos em que duas mulheres negras fazem sexo.
- Fucked Hard Screaming** “Foda selvagem com gritaria”. Sexo selvagem, com muitos gritos e, na maior parte dos casos, com tapas no rosto da mulher.
- Gangbang** Termo que se refere às cenas em que uma mulher mantém relações sexuais com três ou mais homens (mais comum) ou um homem que mantém relações sexuais com três ou mais mulheres. Foi só em 1995 que essa categoria se tornou bastante popular, depois que a atriz pornô Annabel Chong fez com *gangbang* com 251 homens.
- Gay** Homem fazendo sexo com outro homem.
- Girl on girl** Mulher fazendo sexo com outra mulher.
- Guy eating girl out** Homem fazendo sexo oral em uma mulher.
- Hard rough sex** Sexo considerado mais selvagem.
- Hardcore pussy eating** Sexo oral feito na mulher, também com características mais “selvagens”; ou seja, com mais força.
- Lesbian** Mulher fazendo sexo com outra mulher.
- Lesbian seduces straight girl** “Lésbica seduz garota hétero”, referente aos vídeos em que uma lésbica seduz uma hétero e as duas transam.

Lesbians Scissoring Posição sexual que se assemelha a duas tesouras: duas mulheres ficam de pernas abertas, e, assim, encostam suas genitálias.

Men eating pussy “Homem comendo buceta”, novamente no sentido de sexo oral.

Milf “Mom I’d like to fuck”, ou seja “mãe que eu gostaria de foder”. Sexo entre mulheres mais velhas e rapazes mais jovens.

Mom “Mãe”

POV “Point of view”. Vídeos que são filmados a partir da visão de um dos parceiros, geralmente o homem.

Pussy licking Sexo oral feminino.

Real Celebrity Sex Tape Filmes que mostram celebridades fazendo sexo. Ganhou ainda mais fama depois do vazamento do vídeo em que Kim Kardashian aparece fazendo sexo com o rapper Ray J.

Shemale fuck girl “Travesti fode menina”.

Spank Vídeos em que um dos parceiros apanha (pode ser tapas leves ou mais agressivos) em uma ou várias partes do corpo.

Squirt Ejaculação feminina.

Step-mom “Madrasta”.

Step-sister “Meia-irmã”.

Submission “Submissão”. Ainda na prática BDSM, quando uma pessoa se submete às vontades da outra. Nessa relação, o submisso pode ser humilhado e deve, durante a prática, fazer o que o “dominador” ou “amo” ordenar.

Teen “Adolescente”. Apesar de ser um termo que pode se referir a ambos os sexos, no mundo pornográfico, “teen” costuma se referir a meninas jovens.

Threesome Sexo entre três pessoas.

7. Bibliografia

7.1 Vídeos

TEDx Talks. It's time for porn to change. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Z9LaQtfpP_8 Acesso em: 17 de junho de 2015.

7.2 Sites consultados

<http://erikalust.com/>

<http://www.feministpornawards.com/>

<http://www.pornhub.com/insights>

<http://www.pornhub.com/insights/2014-year-in-review>

<http://www.pornhub.com/insights/50-shades-bdsm-searches>

<http://www.pornhub.com/insights/pornhub-age>

<http://www.pornhub.com/insights/what-women-want>

<http://www.pornhub.com/insights/women-gender-demographics-searches>

<http://www.tecmundo.com.br/internet/61122-descubra-pessoas-acessam-pornografia-internet.htm>

<http://www.tecmundo.com.br/internet/72795-pornhub-brasil-site-estudo-detalhado-comportamento-do-brasileiro.htm>

7.3 Publicações on-line

CAPIBARIBE, Fernanda. **O que é bom para elas: Cenários de empoderamento em uma pornografia feminista.** In: **Colisões entre o público e o privado em esfera midiática**, n. 26, p. 167-178, janeiro/2012. Disponível em < <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/507/308>> Acesso em: junho de 2015.

FERGUSON, Ann. **Sex War: The Debate between Radical and Libertarian Feminists.** In *Signs*. Vol 10, n. 11, autumn, 1984. Disponível em < <http://www.jstor.org/discover/10.2307/3174240?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21105963493841>> Acesso em: junho de 2015.

FERNANDES, Bruno et al. **Modos de endereçamento e representação da mulher nos filmes Under the Covers e Cinco Historias Para Ellas.** Disponível em <

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0736-1.pdf>> Acesso em: julho de 2015.

MCELROY, Wendy. **A Feminist Defense of Pornography**. In: Free Inquiry Magazine, Volume 17, Number 4. Disponível em <<http://www.wendymcelroy.com/freeinqu.htm>> Acesso em: junho de 2015.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. In: **Bagoas – Estudos gays: gênero e sexualidade**, vol. 4, n 05, p. 17-44, junho/2010. Disponível em: <<http://ufrn.emnuvens.com.br/bagoas/article/view/2309>> Acesso em: outubro de 2015.

7.4 Publicações impressas

ABREU, Nunca Cesar. **O olhar pornô: A representação do obsceno no cinema e no vídeo**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

ALEXANDRIAN, Sarane. **História da literatura erótica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DWORKIN, Andrea. **Intercourse**. Nova Iorque: Free Press, 1987.

FERGUSON, Roderick. **Aberrations in black: Toward a queer of color critique**. Minneapolis/London: Minnesota University Press, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

JUFFER, Jane. **At home with pornography: Women, sexuality, and everyday life**. Nova Iorque: NYU Press, 1998.

JÚNIOR, Jorge Leite. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento**. São Paulo: Annablume, 2006.

LUST, Erika. **X: A Woman’s Guide to Good Porn**. Antuérpia: Tectum Publishers NV, 2010.

MCELROY, Wendy. **XXX: A woman’s right to pornography**. Nova Iorque: St. Martin’s Press: 1997.

VANCE, Carol. **Pleasure and danger: Exploring female sexuality**. Nova Iorque: Rivers Oram Press, 1993.

